

REVISTA MODERNA

Magazine Brasileiro

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Publicação Quinzenal Illustrada

Artes e Letras

Summario:

A DESCOBERTA DA INDIA

Domingos Guimarães

GLADSTONE

Luiz Serra

O HOMEM DE CERA

Valentim Magalhães

A GUERRA HISPANO-AMERICANA

XX

A MUSICA DE WAGNER

Léon Tolstoi

QUINZENA POLITICA

M. Botelho

BRAZIL E PORTUGAL

NOS SALONS DE 1898

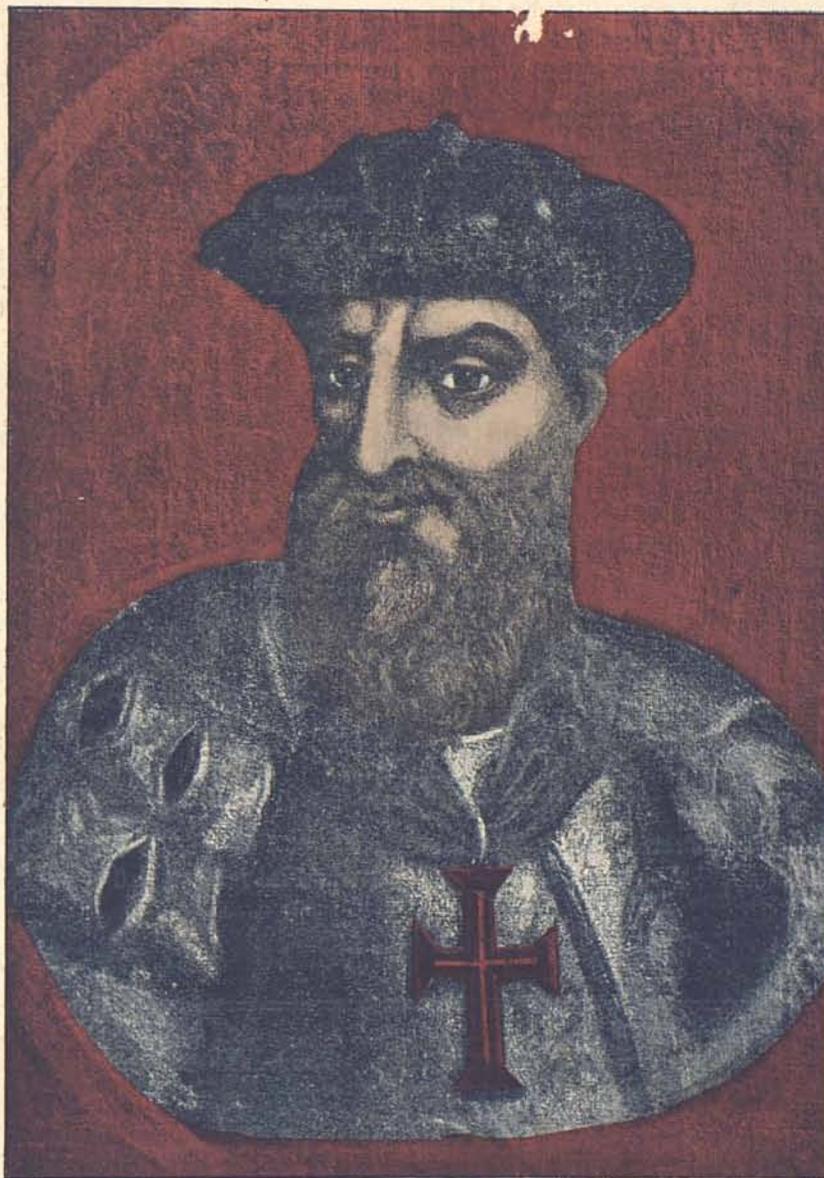
Domingos Guimarães

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ

SPORT

S. Marcello



VASCO DA GAMA

Cópia do quadro existente em casa dos Ex^{mos} Srs. Condes da Vidigueira.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRITORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

Um anno	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	10\$000
6 mezes	30\$000	6 mezes	24 »	6 mezes	5\$500
Numero avulso	2\$500	Numero avulso	2 »	Numero avulso	500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

AGENTES NO BRAZIL

Rio de Janeiro	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourives, nº 7.	Campinas	LIVRARIA ALFREDO GENOUX.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Taubaté	LIVRARIA PENNA.
São Paulo	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX.	Juiz de Fora e Minas- Geraes	CAPITÃO AVELINO LISBOA.
Santos	F. MATTOS ET C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Pernambuco	LAEMMERT E C ^{ia} .
		Ceará	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
		Pará	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal.

PARIZ : Escritorio e Administração, 48, Rue de Laborde e Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens
LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.
A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Avisamos os nossos Leitores que foi completamente supprimida a Agencia e Deposito da "REVISTA MODERNA" na Librairie Nouvelle, boulevard des Italiens. Serão de hoje em diante os nossos Agentes e Depositarios em Pariz as importantes Casas E. Flammarion et A. Vaillant, 12, boulevard des Italiens e Galerie de l'Odéon, 1-9 e 12-18, e P. Boulinier, 19, boulevard Saint-Michel.

ASSIGNATURAS

BRAZIL Appo 50\$000
6 mezes 30\$000

FRANÇA Appo 40 francos
6 mezes 24 —

PORTUGAL Appo 10\$000
6 mezes 5\$000

A GUERRA HISPANO-AMERICANA

Tendo alguns dos nossos amigos mal interpretado a posição da Revista Moderna vis-a-vis dos acontecimentos Hispânicos-Americanos; nós consideramos um dever de declarar e com toda a sinceridade, que não existe, nem nunca existio da nossa parte a menor hostilidade, quer contra Cuba quer contra as aspirações dos seus patriotas.

Sempre afirmamos, que era essa para nós uma causa sagrada fora de toda e qualquer discussão. E ainda mais como estrangeiros acreditamos, que não é da nos sa competencia a discussão das relações entre uma Colonia e a sua Metropole, mesmo quando estas tomam um caracter particularmente delicado.

O franco protesto da Revista Moderna foi e continuará a ser contra a politica norte americana que repellindo todas as concessões que lhe foram feitas veio interesseiramente envenenar uma questão que caminhava para um digno e honroso accordo e que a vista da sua brutal intervenção degenerou n'esta triste e calamitosa guerra.

O nosso artigo « Em nome da humanidade » não foi como indicou a pouca perspicacia de alguns, um título que adoptamos para enviar um saudação a Hespanha; mas sim uma occasião de bem frisar a suspeita declaração do governo dos Estados-Unidos partindo em guerra para libertar Cuba.

A nossa imparcialidade politica é posta em duvida sem razão de ser; pois o que declaramos terminantemente no nosso programma foi, « que a lucta dos partidos no Brazil e Portugal não encontraria o menor echo nas nossas columnas » e assim temos, religiosamente cumprido. Mas a politica internacional nós a temos discutido com toda independencia; segundo as nossas ideas e assim continuaremos a fazer.

Constatando no mesmo artigo e não fazendo mais que repetir o que annunciou o proprio governo americano e a reportagem universal; que os insurgentes elevavam-se a 4 ou 5 mil homens (metamos 20,000) não tivemos a intenção de desprestigiar os revolucionarios mas sim fazer ver essa enorme minoria de combatentes contra uma população de um milhão e quinhentos mil, que são os habitantes da ilha de Cuba.

Se quizessemos offender os Cubanos transcreveriamos simplesmente o que d'elles e da Junta-Revolucionaria disem os jornaes norte-americanos que cheios de sarcasmo tratam pela imprensa e pela ca-

ricatura as futuras intenções da União sobre os destinos da sua patria. Em lugar competente reproduzimos um dos menos expressivos d'esses desenhos, que bem mais convincente que as nossas linhas provará a sinceridade dos senhores yankees.

Fazer campanha contra os Estados-Unidos procurando mostrar que em todo o seo passado e mesmo no presente, esse povo tem-se affirmado francamente conquistador e annexionista; não significa de modo algum guerrear Cuba nem os seus patriotas, e que nos seja permittido bem insistir sobre essa grande differença.

M. BOTELHO.

PRESENTE NUMERO

Apresentamos aos nossos leitores no presente numero o distincto escriptor brasileiro VALENTIM MAGALHÃES que começa n'esta data a sua tão valiosa collaboração nas paginas da Revista. Conhecido o lido com prazer em todo o Brazil, este novo auxiliar será para nós mais um grande elemento de successo que muito concorrerá para a variedade e brilhantismo da nossa parte litteraria. Sem maior interrupção começaremos em breve á publicar do mesmo auctor uma serie de notas interessantes e ineditas intituladas « Perspectivas de Viagem ».

O bello artigo sobre Vasco da Gama como qual commemoramos a memoria do illustre e immortal navegante, é firmado como escriptor, portuguez Domingos D. Guimarães que tambem começa n'este numero a enriquecer nossas paginas com a sua collaboração.

Esse mesmo escriptor publicará o compte rendu da exposição dos artistas brazileiros e portuguezes que figuraram no Salão de 1898. Esse estudo critico competente e imparcialmente feito é acompanhado das reproduções dos oris a sua ginaes expostos.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

A Revista Moderna dará no seu proximo numero o retrato do seu dedicado collaborador e bem conhecido escriptor brasileiro EDUARDO PRADO. O papel saliente do nosso collaborador nas letras brazileiras e o grande o successo obtido pelas suas publicações; chamarão para esse numero da Revista o interesse e a curiosidade de todos os seus amigos e

de todos aquelles que ainda não tiveram a occasião de conhecêr o illustre brasileiro auctor da « Illusão Americana ».

Com um bello trabalho intitulado A Estatua estreia nas columnas da Revista o precioso contista portuguez J. de MONTALVÃO. Em cinco paginas de uma vibrante prosa que os nossos leitores vão admirar o auctor descreve n'um fugante estylo de artista meridional e cheio de misticismo uma narrativa pagã especie de hymno a Vida e á Mulher, repassado pelo fremente amor da natureza.

A noticia critica da escultura portugueza e brazileira, com reproduções dos trabalhos expostos e um commentario sobre o celebre Balzac de Rodin que os nossos leitores bem poderão apreciar pela gravura que daremos d'esse celebre marmore farão parte do summario d'este numero.

Publicaremos tambem na nossa secção do Sport o resumo completo dos tres grandes premios de Chantilly, Auteuil e Longchamp acompanhado de illustrações que reproduzirão os vencedores dessas tres grandes corridas.

Eça de Queiroz. — De volta de Portugal, onde acaba de passar dous mezes; chegou domingo a esta capital o nosso distincto amizo e collaborador Eça de Queiroz. Com prazer registramos a feliz chegada do brilhante escriptor que forte e bem disposto regressa a familia e aos affazeres e associamo-nos sinceramente a alegria de todos que anciosamente o esperavam.

Sousa Pinto. — Telegrammas de Lisboa trouxeram-nos a grata noticia que o nosso distincto collaborador e celebre pintor portuguez Sousa Pinto acaba de alcançar na Exposição de Bellas Artes de Lisboa por occasião do centenario da India a Medalha de Honra em ouro, a mais alta recompensa distribuida.

Os quadros expostos foram A espera dos barcos no Povoá de Varzim pertencente ao Sr. Conde de Alto Mearim e dois formosos pasteis (cabecas) pertencentes ao Sr. Jorge O' Neill. Nossas cordaes felicitações ao talentoso artista.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

La Epoca de Madrid. — Somos verdadeiramente gratos pelo importante artigo que este muito conceituado perio-

dico Madrileno dignou-se consagrar a *Revista Moderna* e ao seu Director.

Com a mesma sinceridade que defendemos a causa da Hespanha contra a barbaria Norte-Americana; com essa mesma sinceridade agradecemos ao nosso distincto collega a gentileza da sua attenção para conosco.

Estalagamites, por Hermeto Pereira; um pequeno e interessante volume de inspirados sonetos publicado no Rio de Janeiro. O autor subintitula o titulo do seu livro com a declaração de Primeiros Versos o que lhe dá a esperanza de um prommetedor futuro.

Innocencia o tão conhecido e popular romance de Sylvio Dinarte (Visconde de Taunay) brilhante escriptor e parlamentar brasileiro; auctor dos *Céos e Terras do Brazil* e da *Mocidade de Trajano*. — Edição da Bibliotheca Laemmert. — Rio de Janeiro.

Um Marinheiro do seculo XV. Bem escripto romance historico por Oscar Leal e Cyriaco de Nobrega. — Lisboa.

O Paraíso. — Excelsa Fantsasia, por Coelho Netto; uma das ultimas produções do grande escriptor que com prazer vamos ler e muito breve commentaremos na nossa secção dos *Livros novos*. Editores: Laemmert et C^{ia}, Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor.

Pelo Sertão. Historias e Paisagens, por Affonso Arinos; brilhante advogado, jornalista e escriptor brasileiro. Pela rapida vista d'olhos que demos constatamos uma bella serie de contos e novellas que se desenrolam no meio brasileiro. Com mais vagar tomaremos conhecimento na nossa *Bibliographia*. — Editores Laemmert. — Rio de Janeiro.

Yayá Garcia. — Interessantissimo romance de um dos mestres, da litteratura brasileira; Machado de Assis. Edição de H. Garnier, livreiro-editor, 71, rua Moreira-Cezar. — Rio de Janeiro.

O morto. — Memorias de um Fusilado, mais uma produção do extraordinario e infatigavel talento de Coelho Netto, que commentaremos com prazer em um dos proximos numeros. Editado pela importante casa Laemmert et C^{ia}. Rua do Ouvidor. — Rio de Janeiro.

Cathecismo Social no seculo XIX, pelo Santo Papa Leão XIII. Tradução e prologo de Monsenhor Passalacqua erudito sacerdote brasileiro e distincto orador sagrado. — São Paulo, Brazil.

Revista Brasileira. — Fasciculo 76 de 15 abril Dirijida com grande proficiencia e maior força de vontade, em um meio em que tão difficil torna-se a existencia de certas publicações é a *Revista Brasileira* uma digna criação do seu infatigavel e persistente director o Sr. José Verissimo.

O summario do presente numero como sempre rico em collaboradores traz interessantissimos artigos dos Srs. João Ribeiro, Oliveira Lima, Virgilio Varzea, Cruls, Ed. Trindade, R. Barbosa, M. de

Albuquerque e uma serie de bellissimos versos de Affonso Celso.

Revista Juridica. — 4º anno, nº 1. — Rio de Janeiro. — Publicação mensal sob a illustrada redacção dos Srs. Candido de Oliveira Filho, Astrogildo de Azevedo e Mesquita Barros.

Revista Portugueza. O numero 8 dessa bella publicação commemorando o centenario de Vasco da Gama. Traz o retrato colorido do grande navegante e a reproduçao em quarto das tres legendarias caravellas. Direcção de J. de Vasconcellos. — Lisboa.

A Revue Encyclopédique, de Paris, a importante publicação da casa editora Larousse, universalmente conhecida, acaba de publicar um numero de cerca de 70 paginas em grande formato e cerca de 100 photogravuras sobre Portugal, aspectos e vistas das cidades e recantos pittorescos das provincias, typos curiosos das colonias e das aldeias, retratos dos principaes escriptores portuguezes, etc. Os artigos são escriptos com alta competencia e são assignados por Consiglieri Pedroso, o eminente professor de historia; Ernesto de Vasconcellos, secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa; Cardozo de Bethencourt, director do *Moniteur maritime de Paris*; Christovam Ayres, professor da Escola do exercito de Lisboa; Bartholomeu Ferreira, primeiro secretario da legação de Portugal em Paris; o Dr. Alves da Veiga advogado e publicista portuguez bem conhecido e apreciado; Silva Lisboa, redactor da *Folha do Povo* de Lisboa, e do *Jornal do Brazil*; Xavier de Carvalho, redactor do *Seculo* de Lisboa, d'*O Paiz* de Rio de Janeiro, e de *Diario Popular* de São Paulo; de Domingos Guimarães, redactor do *Diario de Noticias* de Lisboa; Francisco de Lacerda, professor do Conservatorio de Lisboa, etc.

O preço d'este volumoso numero encyclopedico é de 1 franco et 50 centimos. A venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.

A casa editora Larousse tenciona depois reunir todos estes artigos n'um volume que deve contar mais outros artigos de Teixeira Bastos, Brito Aranha, e um largo e desenvolvido trabalho sobre a historia do Portugal, sobre a evolução politica, desde o começo da monarchia constitucional até aos nossos dias, com os retratos de todos os homens politicos de todos os partidos; um estudo sobre o commercio, finanças, agricultura e industria de Portugal, ethnographia, evolução scientifica e philosophica, sobre a caricatura, etc.

Sport Universel. — Director: Romain, 13, rua de Londres, Paris. — N^{os} 96, 97 e 98. — Compte rendu do grande premio de Chantilly. Attelagens de zebras do barão de Rothschild. Equitação e saltos militares no exercito italiano. Caça de ursos na Croacia pelo archiduque Salvador, etc., etc. O Derby de Epton na Inglaterra. — Exposição canina em Paris. Lutas e lutadores.

A cynematographia historica. Folheto por Boleslas Matuszenvsky.

Revue du Brésil. — Director A. d'Atri, 56, rua Saint-Georges, Paris — N^{os} 38 e 39 trazendo retratos do Dr. Betancés e de M^{me} Campos Salles, interessantes e bellas gravuras sobre São-Paulo e a Amazonia. — Commentarios politicos, financeiros e industriaes feitos com proficiencia pelo seu escolhido grupo de redactores.

La Diplomatie. — Revista hebdomadaria internacional dirijida pelo Sr. René Breviaire, 50, boulevard Haussmann, Paris. — Traz o retrato do Sr. Meline, presidente do conselho da Republica Françeza e do marechal Blanco. No seu variado e interessante texto um notavel artigo sobre o Brazil assignado G. Silvestre.

Revue Illustrée. — Editor Baschet, 12, rua de l'Abbaye, Paris. — N^{os} 10 e 11 de 1º e 15 de Maio, trazendo uma quantidade de bellas gravuras; um estudo sobre Paul Mounet e uma bem feita critica sobre o Balzac de Rodin que figura no actual salão. — O nº 12 de 1º de Junho trazos retratos do rei e da regente da Hespanha; uma muita interessante historia das primeiras revoluções de Cuba acompanhada de gravuras antigas e um conto original da condessa Colonna bella e artisticamente illustrado a cores.

Le Brésil. — Redactor: Argollo Ferrão, 19, boulevard Montmartre. — Correo semanal e noticioso do Brazil e America do Sul. Publica o manifesto do Presidente Moraes inaugurando a ultima sessão do Congresso brasileiro.

Recebemos tambem os seguintes quotidianos e semanarios:

Diario Popular, *Tribuna Italiana*, *Germania*, de São Paulo. — *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre. — *A Provincia* do Recife. — *15 de Novembro*, de Sorocaba. — *Gazeta de Figueira*, *Districto de Leiria*, *Correio de Chaves*, *Gazeta de Bragança*, de Portugal. *O Jornal de Lisboa*, conceituado diario politico, litterario e de informações ao qual muito agradecemos a attenciosa gentileza de um bello artigo sobre a *Revista Moderna*.

ANNUNCIOS DA "REVISTA"

Sylvie e Jeanne Boué. — Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio da importante casa de modas e costuras que figura na capa da *Revista*. O grande successo obtido pelas irmãs Sylvie e Jeanne Boué e a exposição permanente de modelos ineditos e de tudo quanto a *coquetterie* feminina pode imaginar de mais completo e attrahente; chama constantemente para os salões da rua do Helder, as mais bellas e elegantes senhoras, parizienses e estrangeiras.

As pessões que desejarem procurar esta casa em nome da *Revista Moderna* serao attendidas com especial cuidado.

O CENTENARIO DA INDIA

Chamamos a attenção dos interessados para o artigo que, na primeira columna do nosso Expediente publica o director da Revista Moderna.

Pedimos tambem aos nossos leitores mil desculpas pelos innumerados erros typographicos que se notam no texto d'este numero. A retirada á ultima hora e sem nosso conhecimento do revisor encarregado de fazer as ultimas correções nas provas da Revista e a substituição do mesmo por pessoa pouco habituada a esse genero de trabalho, reservou-nos essa desagradabilissima surpresa quando já impossivel nos era dar providencias.

O titulo da gravura da pagina 633 deve ser lido : A cidade de Gôa em 1600, um seculo depois da descoberta das Indias por Vasco da Gama.

como sociedades de soccorros mutuos.

Mesmo n'um passado bem mais remoto, nas recuadas eras da reconquista quando portuguezes e hespanhoes se confundiam na rija peleja da redempção da patria commum, a voz do bispo de Compostella fizera surgir no recondito Noroeste da Peninsula a primeira alvorada da marinha portugueza e ahi tivera sem duvida sua obscura origem a epopea que perante as surpresas idades ia afirmar os altos feitos e a alma forte d'uma clan heroica de navegadores e mareantes, reveladores de mundos.

Batera, porem, á hora anciosa do progresso em queurgia trabalhar para a civilisação fazendo-se seu instrumento e d'ella recebendo força. Do cimo do promontorio de Sagres, por sobre o mar ignoto que para alem se desenrolava, alongavam-se os olhos inquietos, de illuminado, do infante D. Henrique. Porventura, no desvario das suas hallucinações propheticas elle entrevia já a visão sagrada; decerto que ante a sua vista deslumbrada palpitava, em luz e em fulgor, a imagem d'Eldorados e Edens, d'um outro Velocinio d'oiro. Era necessario, a todo o custo, penetrar o Mar da Noite, entrar na região da Aurora, attingir essa India sagrada, a irmã mais velha da Europa, a terra fabulosa que abraçava todos os paizes do Sol, onde, como em parte alguma, a natureza revestia maior grandeza e brilho e da qual vinham tantas riquezas offuscantes — esses estofos preciosos do Oriente, que constituiam o luxo das cortes moiriscas de Granada

Mediterraneo, buscava traçar atravez das ondas do oceano um novo itinerario de derrota que conduzisse aos paizes de feeria.

Varios espiritos iniciados na sciencia cosmographica estavam persuadidos da possibilidade de, contornando o continente africano depois de se ter navegado a oeste, chegar ás Indias pela mesma rasão porque lá se ia por este atravez do Mediterraneo. A tradição antiga avivada pela Renascença dos estudos affirmava a existencia para alem dos mares de terras mysteriosas; as memorias e lendas de viagens dos phinicios, o periplo do carthaginez Hénon a circumnavegação de Necháó, rei egypcio que narra a volta á Africa dada na antiguidade pelos phinicios surpresos de passada a linha, verem levantar-se o sol do lado do occidente, eram evocadas, discutidas com fervor; e as narrações extranhas de Marco Polo, que, dois seculos antes, avançando por este para o interior da Asia percorrera a India, a China e o Japão, as de Framamo, Ibn Batutah, Benjamim de Tudella e Guilherme Rubrouck estimulavam fortemente os espiritos. Lia-se Herodoto, Ptholomeu e Strobo, e todos, imperantes sabios, commerciantes e frades attrahidos pelo mysterio dos mares e instigados pela alma da aventura, phantasiavam sobre os traçados carthographicos novos continentes e procuravam dar ao mundo novos mundos.

Mas os trabalhos de Regiomantanus e do mais celebre dos seus discipulos Martim Behaim não tinham ainda,

divulgado a espherecidade da terra, vindo confirmar as esperanças dos cosmographos sobre o caminho por este, nem os conhecimentos nauticos e geographicos, insufficientes como eram, permittiam aos varineis aventureiros dos normandos e genovezes, que principiavam a alongar-se das praias, caminhar ao largo a affrontar o perigo das vagas negras e alterosas. Faltava-lhes mais que tudo a valentia heroica, a audacia louca e cega que ri da morte e só os peninsulares, filhos do Sol, possuem.

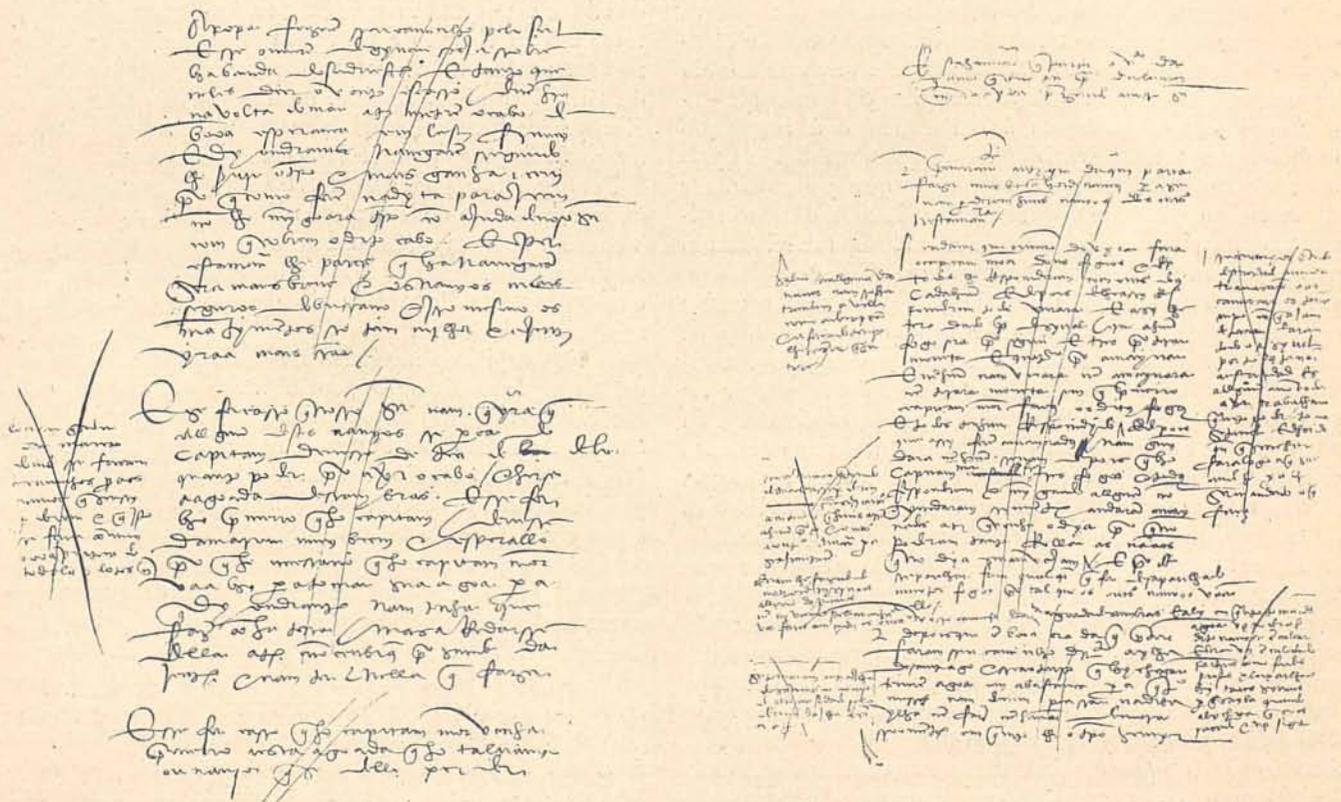
A Portugal cabe a gloria de ser o primeiro a dar o impulso ao grande movimento que transformou todo o mundo economico e com elle a vida social, e essa honra deve-se ao genio do infante D. Henrique verdadeira encarnação da alma portugueza e, pela tenacidade do seu esforço, o fundador do nosso dominio nos mares. Casto, catholico, com um ardente amor e uma viva fé nos destinos da patria, forte de vontade, audaz e firme no querer, elle entrega-se na sua solidão de Sagres ao estudo profundo das mathematicas e da astronomia; devora todos os livros de nautica; exgotta as narrações de viagens; cerca-se dos homens mais habéis em coisas de marinha, dos pilotos mais esclarecidos e dos constructores mais capazes; faz do seu ermiterio um centro de progressos maritimos; transforma a sua morada real n'um instituto onde se acham reunidas as melhores obras d'astronomia e as cartas maritimas mais exactas. Aos marinheiros ensina o uso do Astrolabio que dá ao piloto o meio de se lançar sobre a immensidade das vagas, guardando sempre a certeza de se assegurar da posição do navio e de poder reganhar o porto; com os cosmographos

estuda a navegação pelos astros que permittirá ás naus o desviarem-se do littoral e soccoro-se da experiencia e saber de seu irmão D. Pedro, um dos mais nobres espiritos que têm illustrado a Christandade e um dos maiores humanistas do seu tempo, principe que percorrera em viagens de estudo toda a Europa, visitara o Egypto e a corte do Gran-Turco e se adiantara até aos Logares Santos, para que lhe traduzia e commente velhos manuscriptos arabes. A sua vigorosa personalidade emprehendedora leva-o a tomar a dianteira ao movimento que impele a Europa para a descoberta de novas terras. E na oportunidade da sua acção reside a sua mais alta gloria.

De Sagres, como atalaia avançada pelo mar, ordena o Infante a partida dos varineis aventureiros, lança pelos mares fóra, á procura de novos mundos, a cruzada da descoberta que, affrontando terrores e preconceitos medievaeos vae revelar essa Africa mysteriosa tenazmente defendida até então por lendas terriveis.

Em 1418, Gonçalves Zarco e Tristam Vaz Teixeira descobrem a ilha de Porto Santo, e no anno immediato um violento temporal lança-os sobre uma outra terra que por causa das florestas de que estava coberta chamaram da Madeira. Em 1422, é dobrado o cabo Náo, que ninguem até então ousara passar e que, segundo uma lenda da idade media, marcava o limite extremo da terra.

Em 1432, Velho Cabral aproa á ilha de Santa Maria nos Açores e dois annos mais tarde Gil Eannes, capitão intrepido e escudeiro de D. Henrique, dobrando o Cabo



UM RARISSIMO AUTOGRAPHO DE VASCO DA GAMA TIRADO DO SEU ROTEIRO

Como curiosidade damos em seguida a transcripção das 16 primeiras linhas d'este raro documento :

" A popa fazerem seu caminho pelo Sul e se ouberem de gyrrar seja sobre do sudoeste e tanto que n'elles deer o vento escasso dever hyr na volta do mar até meterem o cabo da bóa Esperança em leste franco e dy em deante nacegarem segundo le seroyr o tempo e mais ganharem porque como fazem na dyta paragem não lhe mingoarã tempo com a ajuda de nosso senhor com que dobrem o dito cabo. E por esta maneira lhe parece que a nacegação será mais breve e os navios mais seguros do busano e isso mesmo os mentimentos se teem melhor e a gente irá mais sã "

Bojador vence a barreira com que a ignorancia popular paralytava a acção maritima, e abre aos navegadores lusitanos o mar austral, esse mar Tenebroso cheio de abysmos e povoado de monstros para alem do qual se estendia, n'um flamejar de chammas, a zona torrida onde segundo os escriptores antigos e os mais eminentes cosmographos da epocha, era impossivel viver; depois, para lá ainda, era a Terra Antichtona, mysteriosa e mais terrivel.

A partir d'esse momento d'anno para anno as conquistas no desconhecido multiplicam-se. Hoje as do archipelago de Aguiçim por Nuno Tristão, amanhã as de Cabo Verde por Diniz Dias, mais tarde a da Serra Leoa por Alvaro Fernandes. Em 1463 morre D. Henrique que, se não realisou por inteiro o seu ideal magnifico, trabalhou tão activamente que soube deixar aos que vieram após d'elle uma obra esplendida a completar. D. Affonso V foi o herdeiro do seu pensamento e dos seus planos. Sob este reinado, Pedro de Cintra e Soeiro da Costa avançam até a Liberia, depois João de Santarem e Pedro d'Escovar ultrapassam o equador e penetram ou sadamente no hemispherio austral; Soqueira entreve as ilhas do Principe e, por toda a costa africana até ao Cabo de Santa Catharina os toscos cruzeiros dos padrões com as armas de Portugal, o nome do rei, o do auctor da descoberta e a da cta d'esta, vão affirmando o direito de propriedade das

terras por onde, caminho da India, vae passando a phalange de heroes. Mas a esses padrões outros bem depressa se deviam junctar para assignalar a audacia dos lusos — restos de naus desconjuncturadas nos rochedos e baixios onde a vaga rebenta ullulante, naufragios tragicos, marcam a lagrimas essa longa e luctuosa estrada que de Portugal se estendeu até ao Oriente.

Com o grande rei D. João II, ao passo que os navegadores portuguezes se vão approximando da India, os estudos nauticos entram n'uma phase de maior rigor e exactidão. Um conselho especial, formado dos medicos do rei e do celebre cosmographo Martim Behaim, estuda os processos scientificos para a orientação dos ma-

reantes, e Diogo Cão e Azambuja descobrem a Guiné, o Congo, Angola e Benguella. Os geographos arabes affirmavam que, ao chegar ao extremo da Africa occidental, o mar era impracticavel e navios que ousassem lá aventurar-se se encontrariam no meio d'uma noite densa, sem que uma só estrella apparecesse a illuminar os céos, sem que a vela d'uma nau podesse contar com o mais ligeiro sopro de vento. Ajunctavam, alem d'isso, que a região tropical era deshabitada porque os elementos ali se oppunham á vida. Este chymera até então accete pela sciencia foi destruida

por Bartholomeu Dias que, passando o tropico meridional chegou a travéz de grandes perigos ao extremo da Africa, não podendo ir avante porque lh'o não consentiram as tripulações assustadas. De volta ao reino, o navegador não occultou as difficuldades que provavelmente paralyariam toda a tentativa para dobrar o terrivel promontorio guardado pelo irado Adamastor e ao qual dera o nome de Cabo das Tormentas; mas D. João, que um viva fé animava e nem partilhava taes receios nem acreditava em tão sinistros augurios disse-lhe:

— Chamemos-lhe antes o Cabo da Boa Esperança. — E assim se fez como promessa de fortuna.

Faltava apenas saber se o mar era d'ahi por diante navegavel. A antiguidade crera, com Ptholomeu, não só que a terra collocada ao centro do

universo era um corpo fixo mas tambem que a Africa se inclinava na sua parte meridional para este, formando o oceano Indico um mar Mediterraneo oriental. Para obter informações cabaes colhidas nas expedições por terra partem caminho do Oriente Affonso de Payva e Pero da Covilhan. Chegados junctos a Aden, ali se separam. Payva vae para a Costa da Abyssinia onde morre mais tarde, Covilhan segue para a India, visita Malabar, Calicut e Goa e atravessando o oceano Indico, vae a Sofala onde colhe preciosas noticias sobre a Costa oriental da Africa e sobre a ilha da Lua (Madagascar). Presuroso de enviar as informações obtidas, corre logo ao Cairo, d'ali manda mensageiros a Lisboa e parte em seguida para a Abys-



VASCO DE GAMA

Cópia do quadro existente em casa dos Ex.^{mos} Srs. Condes da Vidiguera.

sinia a obter noticias do Preste Joham. Já por esse tempo o encantado principe, que, segundo Marco Polo, habitava a Asia Central fôra transferido para a Nubia e a lenda personalisava no obscuro Negus o extraordinario monarcha tão fallado e admirado em tempos anteriores. Covilhan que fôra preso, não pôdera saciar a curiosidade do monarcha, mas, se a existencia do Preste Joham continuava ainda a ser um mytho o facto é que da sua missão bem mais valiosos resultados se tinham obtido. D'oravante sabia-se pelas cartas enviadas do Cairo, que os navios que navegassem ao longo da Costa da Guiné chegariam, proseguindo, ao extremo sul do continente africano; e que, aproando ali para léste em direcção da ilha da Lua, por Sofala, se encontrariam no caminho da India. A Covilhan cabe, pois, a honra de ter marcado o itinerario da navegação da India affirmando que pelo sul da Africa se iria ao Oriente.

A morte roubou ao grande rei D. João III^o a gloria que devia ligar-se á realisação dos seus grandes desígnios. O veneno cruel que lhe girava nas veias tolheu-lhe ver realisada a expedição maritima de Vasco da Gama que, com tanto enthusiasmo organisara, e com ella a descoberta tão ambicionada de um novo caminho para a India. A glorificação da sua obra devia caber a D. Manuel que seria o soberano que aos attributos de rei de Portugal e dos Algarves, de aquem e de alem-mar em Africa e senhor da Guiné, junctaria o senhorio sem precedentes da « Conquista, Commercio e Navegação da Etiopia, Arabia, Persia e India. »

Era então chegado o instante em que na convulsionada chronica politica da peninsula ia inscrever-se o episodio mais dramatico e prestigioso. N'um sussurro d'apothese Vasco da Gama surge, e o seu nome tão portuguez soa já como um fanfarras de gloria, canta como a voz d'uma sereia por cima das ondas verdes do mar! Não é apenas um d'esses rudes aventureiros de que a historia nos legou o retrato épico, mas uma magestosa e varonil figura de semi-leus que, nem porisso, deixasse tambem de ser humana. Plutarcho tel-o-ia collocado de certo n'um medalhão da sua Galeria. Ousado mas prudente reúne ás qualidades militares as de marinheiro e a estas ainda juncta as de politico e administrador. D. Manuel diz-lhe que d'elle fia a descoberta da India e o seu animo de honrado cavalleiro impoe-lhe o vencer ou morrer em tal empreza.

Com uma expedição de 3 caravellas, *S. Gabriel, S. Raphael, Berrio* e a nau de mantimentos tripuladas por 168 homens larga do Tejo, desenrolado o grande pavilhão real das quinas, a 8 de Julho de 1497 e, acceitando o desafio com os elementos, com o abysmo e com o céu, vae tentar o que nenhum outro tentara, sondar o mysterio longinquo d'esses mares d'Africa que tornavam as imaginações anciosas e delirantes. Que scena grandiosa a da partida! Deante do rei D. Manuel, diante de immenso concurso de povo que alaga os caes, e se agglomera e alcondroa nos cimos das sete collinas da cidade, as naus, com o seu bolso arfante exposto á brisa que vem do mar, largam ao som dos canticos religiosos psalmodiados por longas theorias de monjes e frades. Do primeiro golpe passam o littoral africano vagamente entrevisto, vão sobre as ilhas de Cabo Verde, dirigem-se mais para o sul e attingem S. Helena, a ilha a que uma celebridade tragica estava reservada, e a 22 de Novembro, quatro mezes e desasseis dias exactos após a partida, o Cabo da Boa Esperança fica dobrado e Gama passa onde ninguem ainda passara. As equipagens estavam enthusiasmasdas mas cheias de cansaço. Esta marcha para a frente, no desconheci do, espantava-as, e como as de Colombo revoltaram-se. O heroe não desfalleceu.

Mostrou-se a um tempo diplomata e tyrano para dominar a revolta e triumphou de modo a arrastar, cegos de confiança, para lá do cabo das Agulhas, a mil leguas mais longe, os seus marinheiros que o escorbuto e a febre torturavam mas apezar d'isto se mantinham n'um heroismo épico. Quando chegou a Sofala, vendo alfim rostos brancos, mouros e arabes de Mozambique e Zanzibar, respirou, e certo uma resplandescente visão lhe devia incendiar os olhos: a das frotas tyrrenas, os navios da rainha do Sabá que, n'um passado longinquo, frequentaram essas regiões extranhas ricas d'oiro, de estofos fulgurantes e de perfumes. Mas entre Mozambique e Ceilam, quando não havia mais do que seguir direito para attingir essa mysteriosa Traprobana, celebre pelo seu marfim, as suas perolas, os seus tigres e as suas bayaderas, um cataclismo ameaça engulir a esquadra. Com um ceo sereno e luminoso, apesar do ar calmo, ao vagas erriçam-se e sóbem até alturas inverosimeis saccudindo as caravellas e aterrando as equipagens mais ainda pelo character mysterioso do phenomeno do que pelo perigo real e physico. É sem duvida algum tremor de terra submarino, mas Gama impoendo silencio brada n'um admiravel rompante de sublime orgulho:

— Nada temam, é o mar que treme de nós.

Em 17 de Maio a India surge como por encanto offuscante e tépida, aureolada de fulvos soes, de perturbantes e barbaros aromas do meio das ondas azues d'um golpho. O sonho torna-se emfim realidade. Ella ali está em seus contornos voluptuosos e em suas curvas apaixonadas onde a luz noiva e desfallece, a terra das maravilhas, a patria classica das riquezas, a deslumbrante visão do oiro, dos rubis, dos brilhantes e especiarias que tanto fascinava a esbrazada phantasia peninsular. E, rasgados como nevoeiros, por aquella luz radiosa desalentos e desanimos, privações e sacrificios de uma longa derrota, a amargurada lembrança dos que ficaram para traz a meio da jornada, obscuras victimas sacrificadas no altar da patria, por sobre a alma dos aventureiros rola um praia mar de enthusiasmo e ventura. E não é um hymno de triumpho, um cantico ardente de vangloria que na profunda commoção da hora brota dos seus labios em unisono mas essa admiravel prece religiosa, doce e lyrica, macia e suave como um suspirar de rôla, — Salve Rainha! Mãe de misericordia..! — que as ondas do oceano Indico acompanham pela primeira vez, brandas e perturbadas, n'um rythmo de amor.

O Samorin acolhe-os com magnificencia e, trazendo uma carta dos principes indigenas que auctorisa Portugal a commerciar com a India, a expedição poe-se a caminho da patria. Mas o retorno é cruel e penoso, e essa enfeitada Ilha dos Amores sonha-a apenas Camões porque perdições de toda a especie tantas vezes fazem aos heroes lusitanos appetecida a morte que é, segundo o poeta, o menor de todos os males.

Na ponta aguda da Africa, exasperado, espera-os com a sua longa fronte carregada de tempestades o formidavel gigante Adamastor de cujas ameaças elles não haviam temido. Ao longas calmas, a febre, a pessima aguada, as feridas, as raivosas procellas e as doenças desimam as equipagens e o proprio Vasco da Gama tem de verter piedosas lagrimas sobre o cadaver de seu irmão e seu companheiro de gloria, Paulo da Gama, que, esse ao menos, teve para apodrecer e dar rosas o calor santo da terra portugueza.

Quando chegaram a Lisboa dos 160 que foram sómente 55 voltavam nas naus desconjuncturadas e ronceiras gemendo lugubrememente nas vagas como um carrilhão perdido e distante. Pareciam despojos d'uma frota destróçada por temporal, mas em cujo velame airoso o sol

A Guerra Hispano-Americana

Já o nosso ultimo numero estava na machina, quando á Europa chegou o telegramma annunciando que a esquadra do Almirante Cervera entrara em Santiago de Cuba.

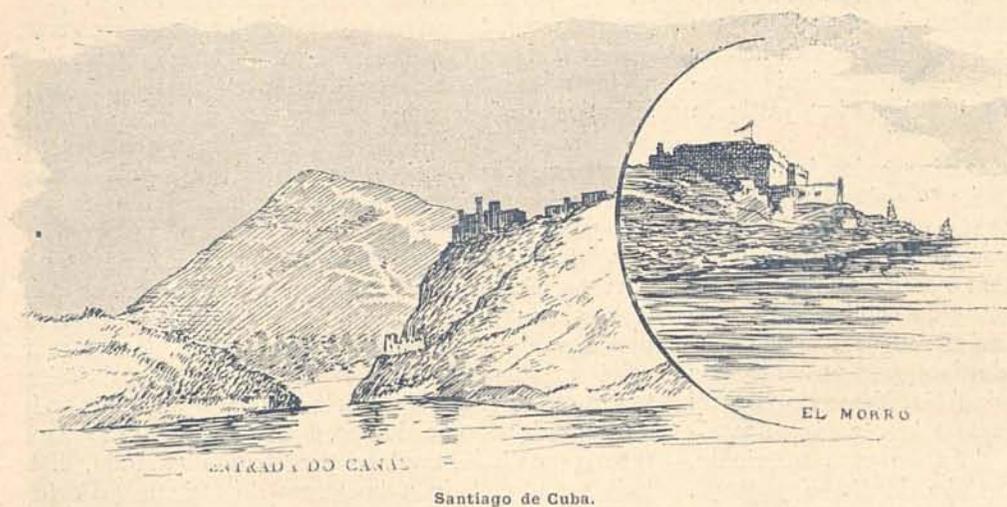
Este facto foi considerado por todos como uma grande victoria estrategica dos hespanhoes, pois é realmente

pretexto para desenhos mais ou menos espirituosos, em que a pequena esquadra do Almirante Cervera era representada, no fundo de uma garrafa, no gargallo da qual os numerosos couraçados do Almirante Sampson serviam de rolha.

A simplicidade d'este meio estrategico não tem dado na practica o resultado immediato que os americanos esperavam.

Com effeito, a 2 do corrente, a esquadra do Almirante Schley appareceu deante de Santiago e começou o ataque dos fortes, tentando forçar a entrada do canal. Ao mesmo tempo um bando d'insurrectos aproximava-se da cidade de Santiago, procurando investil-a por terra. Este facto demonstra que não se tratava de um reconhecimento como os americanos disseram mais tarde,

mas de um verdadeiro ataque que os americanos pensavam poder conseguir com uma pequena esquadra, como o tinham feito em Manilha, e de accordo com os rebeldes que julgavam talvez mais numerosos. N'este primeira



incrível que os americanos, tendo em volta de Cuba mais de 70 navios de toda a ordem, não conseguissem descobrir a chegada d'esta esquadra e a deixassem entrar na bahia de Santiago que é admiravelmente defendida pelas suas condições naturaes e pelas fortalezas que os espanhoes ali construíram.

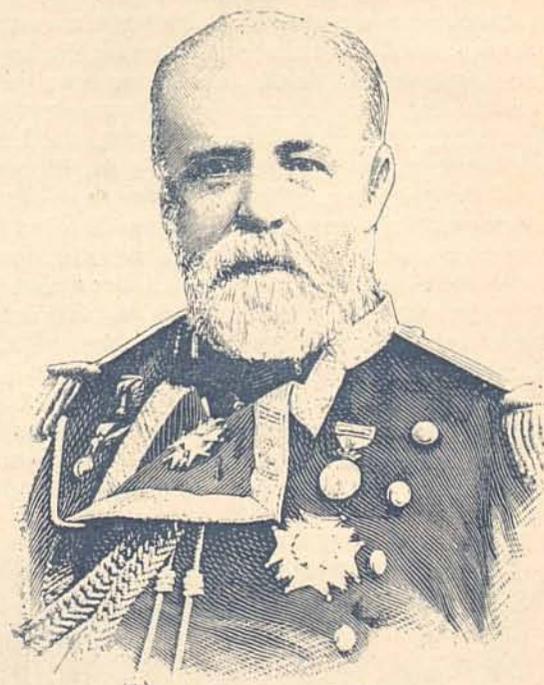
Santiago é a segunda cidade de Cuba não só pela sua antiguidade como pela sua importancia commercial e maritima.

Esta praça forte, capital das provincias orientaes de Cuba está situada a quatro milhas ao norte da Costa meridional na extremidade N. E. da bahia de Santiago.

O porto que é abrigado e excellente, é comtudo de um acesso muito difficil porque a sua barra é muito estreita e tortuosa. A entrada do canal formada por duas altas colinas, está guardada por duas fortalezas: *El-Morro*, castello de antiga construcção e a *Estrella*, fortaleza dispondendo de baterias modernas assentadas em amphitheatro. N'este sitio o canal tem apenas 160 metros de largo e parece barrado por uma ilha que se avança entre os dois promontorios e que se avista do mar como uma grande nau. A cidade de Santiago fica a mais de 10 kilometros da entrada do canal e fóra portanto do alcance dos projectis que sejam lançados do littoral.

Logo que os americanos tiveram conhecimento da chegada do almirante Cervera á Santiago, procuraram occultar seu despeito, alardeando uma grande satisfação por saberem onde estava a *esquadra phantasma* que tanto os tinha inquietado e por poderem assim atacal-a e destruil-a mais facilmente, pois se a entrada do canal de Santiago era difficil pela estreiteza e tortuosidade da sua barra, tambem a sahida não seria possivel, logo que uma esquadra poderosa viesse bloqueal-a.

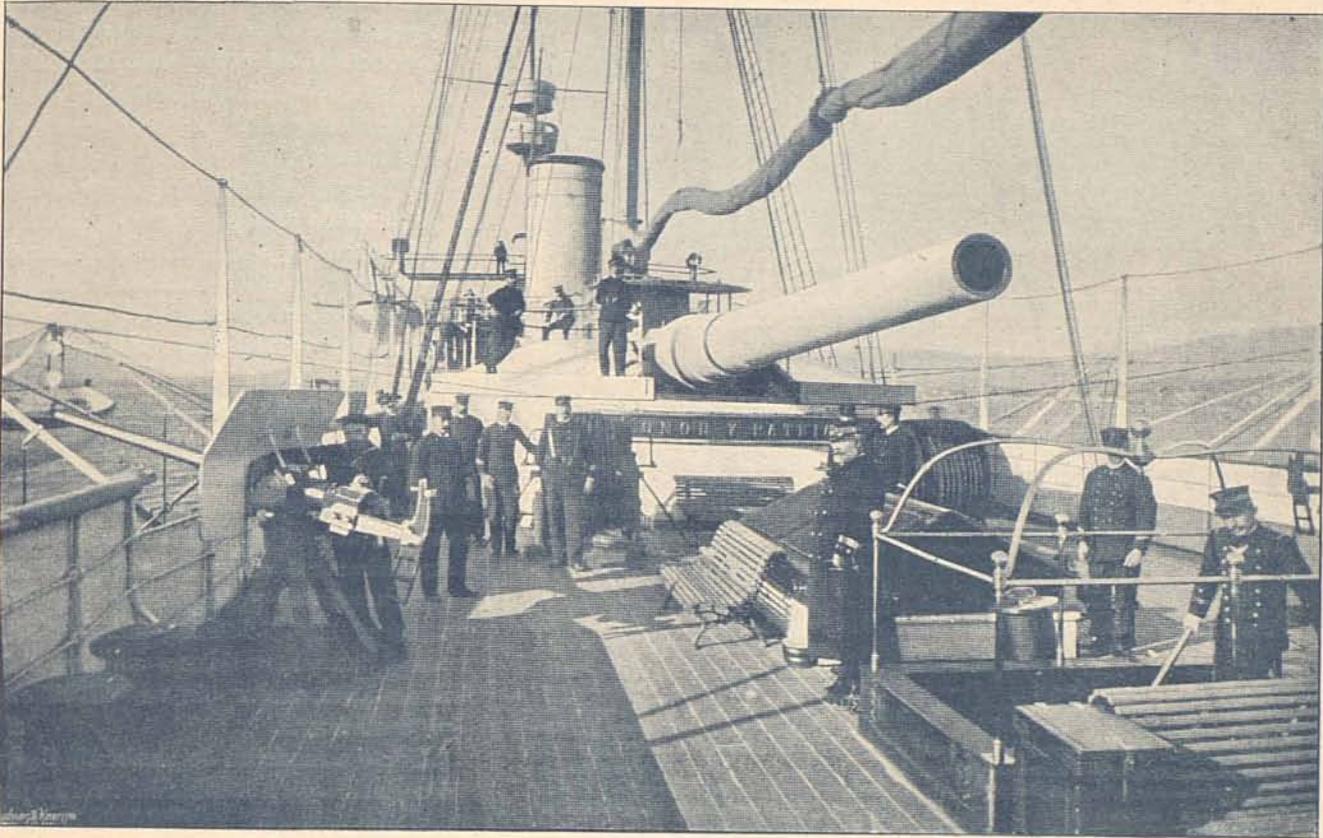
Os caricaturistas americanos tiraram d'este facto



ALMIRANTE CERVERA

Commandante da esquadra hespanhola actualmente em Santiago

batalha os americanos foram repellidos com grandes avarias; um cruzador auxiliar foi posto fóra de combate, o *Brooklyn* navio almirante, recebeu na pópa um projectil que lhe causou serios estragos, e enfim o almirante Schley teve que bater em retirada.



Couraçado hespanhol « Pelayo ».

A noticia d'este primeiro combate foi acolhida em Hespanha com grande entusiasmo e nos Estados-Unidos com uma reserva que provinha talvez de ter o almirante Schley reconhecido que as fortalezas de Santiago possuíam canhões de grande alcance, empregavam a pólvora sem fumo e apontavam com justeza.

O caso aqui era diferente do de Manilha.

Resolveu pois o estado-maior *yankee* dar um poderoso combate contra Santiago e atacar esta praça por terra e por mar com grandes forças.

A esquadra do almirante Schley foi reforçada pela do almirante Sampson, o qual assumiu o commando geral. Ao mesmo tempo os primeiros corpos expedicionarios partiram de Tampa com destino a Cuba, com ordem de desembarcarem em diferentes pontos da costa, indicados pelos insurrectos e de, reunidos a estes, atacar a cidade por terra.

É a realisação d'este plano que se está ja desenrollando, no momento em que terminamos este artigo. As primeiras peripecias d'este importante assalto têm sido desfavoraveis aos Estados-Unidos. Como operações maritimas ha a notar a tentativa feita pelos americanos para *dragar* os cabos electricos que ligam os torpedos fixos a terra e desembaraçar assim o canal d'estes terribes engenhos destruidores.

Por ordem do almirante Sampson, um cruzador que servia do deposito de carvão e que se chamava o *Merrimac*, tripulado unicamente por um pessoal restricto e habituado a estas manobras, avançou até á entrada do canal, seguido de outro cruzador couraçado que deveria forçar a entrada, no caso em que as operações do *Merrimac* succedessem.

Tendo sido descobertos pelos vigias, os dois navios

americanos foram vigorosamente atacados pelas baterias e o *Merrimac* que atravessava a linha dos torpedos fixos foi logo a pique pela explosão de um d'estes engenhos.



CONTRA-ALMIRANTE CAMARA
Commandante da esquadra hespanhola de reserva.

Os americanos, com o seu habito de não confessar derrotas, logo que tiveram conhecimento do desastre, affirmaram que este não fóra devido á defeza espanhola mas que, propositadamente, fóra feito pelos americanos



Um « bond » do empréstimo emitido pela junta revolucionaria cubana, subscripto em quasi totalidade pelo « Comité » norte-americano.

que assim tinham conseguido bloquear o almirante Cervera com os destroços do Merrimac afundado.

Não é necessario ter grandes conhecimentos nauticos para comprehender que os destroços de um navio, por maiores que sejam, não podem servir para barrar eficazmente um canal, pois são conhecidos e frequentes os meios explosivos empregados para destruir completamente o casco afundado de um navio, quando impede a navegação de um porto.

Uma boa carga de dynamite basta para obter este resultado e é provavel que os hespanhoes, armados em guerra, não tenham a menor dificuldade em fazer explodir a carcassa despedaçada do Merrimac.

O sacrificio d'este navio que valia, segundo os proprios americanos, mais de 350,000 dollars foi pois inutil. E a causa que os americanos procuraram dar á sua destruição não só não é verdadeira como é afinal absurda.

O Merrimac não foi barrar a passagem aos navios de Cervera, tentava destruir os torpedos hespanhoes e foi destruido esta é que parece ser a verdade.

Poucos dias depois, o almirante Sampson tentou de novo destruir os fortes da entrada do canal de Santiago e empregou d'esta vez, para o bombardeio, onze dos seus melhores navios. O tiro durou mais de trez horas durante as quaes foram lançados 1500 obuses de todo o tamanho.

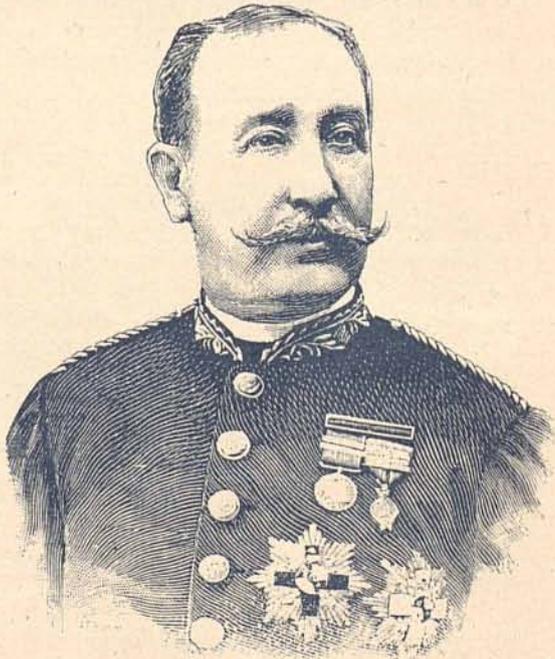
N'este ataque terrivel os hespanhoes só perderam 17 homens, na maior parte marinheiros do velho cruzador *Reina Mercédès*, que, transformado em pontão ou bateria fluctuante, estava ancorado no meio do canal, participando ao combate com os seus canhões de grosso calibre.

Apezar da energia d'este novo ataque e do numero consideravel de navios n'elle empregado, o almirante Sampson não conseguiu resultado algum e teve que retirar continuando ao largo o bloqueio do porto.

D'estas inuteis investidas resultou para o estado-maior americano a convicção que Santiago era inexpugnavel pelo lado do mar e que para se apoderarem da cidade, dos fortes e destruir a esquadra do almirante Cervera, tinham que recorrer a um forte assalto por terra, quando o corpo expedicionario americano tivesse desembarcado em numero sufficiente para tentar um tão difficil empreendimento.

Então a esquadra do almirante Sampson começou a bombardear certos portos, que pela sua proximidade de Santiago lhe pareceram mais favoraveis ao desembarque.

Pelos ultimos telegrammas americanos, parece que um destacamento de 600 homens de infantaria de marinha desembarcou em Guantanamo, não na cidade propriamente dita, mas n'um pequeno forte da costa, que os obuzes do couraçado *Oregon* não tiveram nenhuma dificuldade em destruir.



GENERAL MACIAS Governador de Porto-Rico.

Este destacamento, protegido por um cruzador, o *Marblehead* e duas canhoneiras, esperará n'esta posição, as



GENERAL AUGUSTIM
Governador de Manila.

tropas expedicionarias que desembarcarão n'esta bahia e d'ahi marcharão sobre Santiago.

Mas a estação das chuvas começou; a febre amarella fez a sua apparição a bordo dos navios americanos; o general Blanco tem 80,000 homens bem armados e acclimatados na Havana, 40,000 no resto da ilha, mantimentos para mais de dez mezes; a esquadra do almirante Cervera está intacta em Santiago; a do almirante Camara partiu de Cadix com rumo desconhecido e todas estas circumstancias podem, de um momento para outro, voltar a sorte da guerra e dasfazer todos os planos de conquista que os americanos julgam realizados.

* * *

As noticias de Manila são menos favoraveis para Hespanha.

Os americanos depois do bombardeio de Cavita que descrevemos no nosso ultimo numero e depois de terem destruido a esquadra do almirante Montojo, ficaram senhores da bahia de Manila e começaram o bloqueio, por mar, d'esta cidade.

O chefe dos insurrectos Aguinaldo que o almirante Dewey tinha trazido a bordo de um dos seus navios, desembarcou em Cavita com armas e munições fornecidas pelos americanos, e tratou de chamar á revolta os seus antigos soldados que a Hespanha tinha pacificado á força de concessões e de dinheiro.

Não foi difficil ao chefe rebelde levantar de novo na ilha a lucta fraticida, agora que as forças hespanholas tinham succumbido ao ataque dos Estados-Unidos e que a bandeira d'esta nação fluctuava no antigo arsenal dos hespanhoes. A presença dos couraçados americanos era alem d'isso um elemento de successo, pois, tendo elles fornecido armas aos insurrectos era evidente que no momento oppurtuno os ajudariam no ataque, bombardeando Manila quando os insurrectos assaltassem as fortificações.

N'um só dia e a um signal dado, o chefe Aguinaldo,

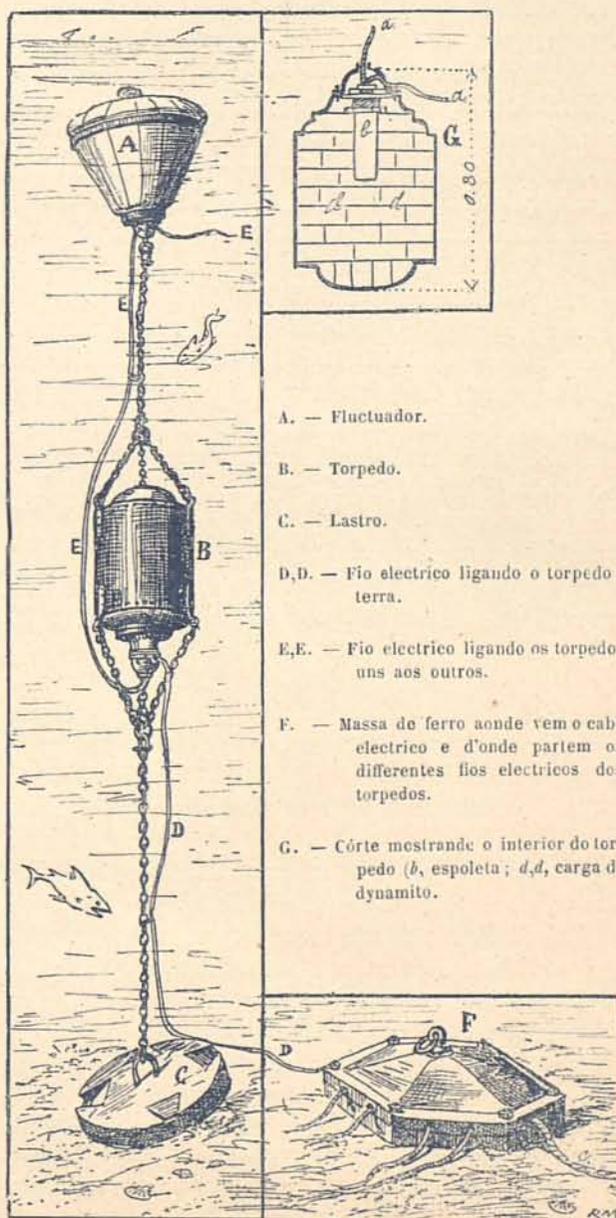
conseguiu agrupar um numeroso exercito e depois de ter tomado successivos postos hespanhoes e ter permitido os mais revoltantes massacres, está n'este momento ás portas de Manila aonde a pequena guarnição hespanhola, abandonada pelas tropas indigenas organisa a ultima resistencia, talvez sem esperança mas com a consciencia tranquilla e nobre de um dos deveres mais nobres e mais sagrados que existem : a defeza da integridade da patria e do pavilhão nacional.

Que faz a Hespanha perante este desastroso acontecimento?

Declarações ministeriaes parecem indicar que alguma cousa se prepara, quer sejam negociações diplomaticas, quer sejam socorros inesperados, derradeira esperança a que se agarra o amor proprio nacional.

Seja porem como fôr, as Philipinas parecem perdidas para Hespanha, mas para os amigos do direito resta a consolação de que esse archipelago não cairá nas mãos dos americanos e que certamente uma dos potencias europeas que no extremo oriente neutralisa e combate e influencia ingleza tomará a iniciativa de impedir que os yankees tomem esta magnifica ilha, ponto estrategico de primeira ordem e da mais alta importancia no momento actual.

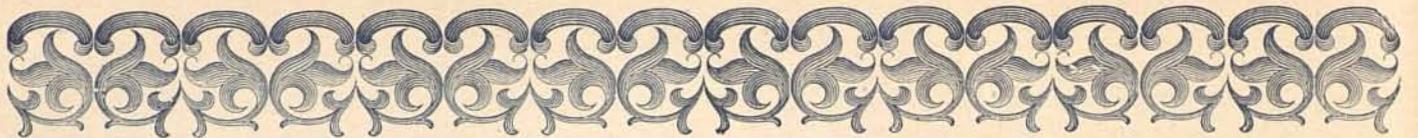
XX.



- A. — Fluctuador.
- B. — Torpedo.
- C. — Lastro.
- D, D'. — Fio electrico ligando o torpedo a terra.
- E, E'. — Fio electrico ligando os torpedos uns aos outros.
- F. — Massa de ferro aonde vem o cabo electrico e d'onde partem os diferentes fios electricos dos torpedos.
- G. — Côte mostrande o interior do torpedo (b, espoleta; d, d', carga de dynamito).

Torpedo fixo.

Foi um d'estes torpedos que destruiu o « Merrimac »



O HOMEM DE CERA

A Magalhães de Azeredo.

No salão de visitas do velho casarão de Botafogo, olhando o mar pelas suas muitas janellas quadrangulares, no salão nobre do nobre prédio abafava-se, morriã-se de asphyxia, tão fortes eram o calor e as exalações putridas do cadaver, velado por seis collossaes tocheiros, e o cheiro enjoativo do acido phenico que uma pequena machina de desinfecção continuamente espalhava na athmosphera.

O pobre cadaver da condessa, cujo ventre crescera com excesso em poucas horas, estava amortaldado no seu mais sumptuoso vestido de gorgorão preto e aquella enorme protuberancia elevava-se d'entre as rosas e outras flores frescas que enchiam o caixão, como uma montanha negra do seio florescente de um valle em plena festa de primavera. Contra as solas brancas dos sapatos novos davam os reflexos amarellados dos dois ultimos brandões, que ardiam com estremecimentos e estalidos funebres, como se suspirassem, como se tambem carpissem a illustre dama.

Longe da eça, num grupo de crepes novos, farfalhantes aos arquejos do pranto, senhoras, de edades varias, na compostura correcta embora desalinhada de pessoas de fina sociedade acabrunhadas de dor. Crianças, entre curiosas e entediadas, vestidinhas de luto, sahiam e entravam, abrindo ao cadaver e ás tochas olhos de espanto, na inconsciencia feliz d'aquella tragedia muda. Moscas vorazes, assanhadas, zumbiam, e, impertinentes, incommodavam os convidados acamados, de pé, na sala e no corredor, acalorados e impacientes, tapando as ventas nos lenços perfumados e consultando discretamente os relógios.

Por fim houve um rumorejo, um trocar de phrases a meia voz, e na capella ardente entrou o vigario, acompanhado do seu acolyto, conduzindo a caldeirinha da agua benta. Engrolada a encommendação, bem aspergido pelo hyssope o cadaver, partido o padre, era o momento de partir tambem a defunta. Annunciavam-n'o os gritos hystericos das senhoras, debatendo-se entre os amigos da casa.

— Mas o Conselheiro ? perguntava um convidado a outro.

— Está no seu gabinete, succumbido a tao rude golpe. Adorava a mãe; explicou o interpellado.

— Ah! vem elle; acudio terceiro.

Os convidados, apertando-se, abriram passagem ao Conselheiro Nabor de Mello. Alto sem exaggero, forte de hombros, sem ventre, lésto embora gravé, á vontade nas roupas caras do Raunier, de talho farto e elegante, arredondando o dorso em saudação muda aos que ia apartando, passou, rapido, sem rumor, e, tendo entrado no salão, endireitou o porte e dirigio-se ao feretro. Deu-lhe volta aos pés, pela esquerda e foi postar-se erecto,

um momento, junto á cabeça veneranda que a morte acabava de toucar mysteriosamente de sombras. E fixou os olhos sobre esse nobre e santo despojo.

Era notavel e tocante naquelle momento elegiaco a semelhança da cabeça viva do filho com a immota e fria da mãe: o mesmo contorno correcto e severo da fronte, a mesma linha forte do nariz, a mesma saliencia ossea das maçãs, a mesma nobreza e a mesma dureza em todas as feições, dureza mitigada na cabeça extincta por uma tinta pallida de infinita doçura, pelo vago sorriso de piedade do supremo apasiguamento. Que pallidez, porem a daquelle homem! Da carne macilenta da fronte e das faces os cabellos sahiam negrejantes e como que se lhe distinguiam todos os fios, um a um, faceis de contar, como espetados em cera. Aquella cabeça pouco trabalho teria de dar á Morte para a *toilette* classica do enterramento: apenas o de fechar-lhe os olhos pretos, que agora brilhavam serenamente, envidraçados nos oculos. E a cabeça viva, filha da cabeça morta, contemplava-a mudamente, longamente, pallida, pallida, pallida...

Nem lagrimas, nem soluços, nem estremeções bruscos de pavor... Inclinou-se; os labios frios e brancos tocaram o marfim gelido da fronte, que o luar das tochas aureolava um pouco sinistramente.

Depois endireitou o busto, volveo os olhos seccose imperiosos, fez um gesto rapido... Era o signal da partida.

No cemiterio, entre a gloria da apothese theatral do crepusculo, na calentura pesada do Occaso estival, em que tresandava o rescaldo da torra dos vegetaes, e pipiavam e frufulejavam passaros, entrando os ninhos para o somno da noite, foi solemnemente descido ao fundo de uma cova de paredes caiadas, com um tinir e um entrebater de correntes apavorante, o enorme esquife mal fechado da condessa.

Sobre uma cova lateral, frescamente acugulada de terra fofa, destacava, na luz ouro e violeta do crepusculo, a figura grande e austera do Conselheiro Nabor. Nas faces amarelladas nem uma contracção, nem um fremito. Sereno, mudo, pallido, da mesma inalteravel pallider de sempre dos dias de jubilo como dos dias de magoa.

Era de cera.

* * *

Annos depois, no mesmo casarão familiar, passado de herdeiro de herdeiro, que se não vendia, que se não arendava, mas ronovado todo com gosto e luxo, alfaiado e trastejado inteiramente de novo, uma outra scena altamente dramatica se passava no silencio e no segredo da noite, entre as quatro paredes de uma vasta camara.

com os olhos cúpidos aquellas maravilhas, que eram d'elle. D'elle? Ai! d'elle!

— Quem é? És tu, Nabor?

— Sou eu, *Nhanhã*.

— Que horas são?

— Onze e tanto.

— Vens deitar-te? Para que me acordaste? Eu estava sonhando...

— Commigo? perguntou o desgraçado, com um tremor pavidado na voz.

— Comtigo? Era o que faltava! Com... enfim, não sei com quem. E virou-lhe as costas, prompta a reardormecer.

— *Nhanhã*, *nhanhã*...

— Que é? Que massada! E virou-se bruscamente, irritada, desnudando uma perna olympica.

O Conselheiro, de pé, correctamente abotoado na sobrecasaca negra, estendeu-lhe o masso de papeis:

— Conheces isto? e a voz era cavernosa.

A moça fitou o olhar estremunhado nos papeis, com visível esforço para fixar a atenção e reconhecer *aquillo*. De repente, sentou-se no leito com os olhos espantados; arredou d'elles os cabellos revoltos, encarou o marido; balbuciou:

— Isso... isso que?

— Estas cartas; vê.

E o Conselheiro foi-as deixando cair sobre a colcha de seda cór de salmão com um gesto de espalhar petalas, e contava-as: Uma, duas, tres... sete, nove... *Bébe* encrava-o com a bocca hiante, os olhos abertos, pasma, apatétada.

— São as cartas do teu amante, o ultimo, o Carvalhinho. Queres ouvir ainda uma vez algumas d'ellas? Esta, por exemplo. E abriu uma; e leu: « Amanhã, ás sete da noite, no lugar do costume. Adoro-te. És mais bella que Venus. Espero-te, ardendo de impaciencia. Vem: traze-me teu seio, teus braços, teus labios... » É curta, mas queima; commentou serenamente, dobrando o bilhete. Fizeste mal em ter deixado isto na tua secretária. Estas cousas destroem-se.

Os olhos da adúltera já não revelavam espanto, mas curiosidade. O marido comprehendendo-os, respondeu-lhe:

— Perguntam-me os teus olhos o que pretendo fazer. E eu respondo: Nada. Perdôo; perdôo mais uma vez, mas desta não tacitamente como das outras: expressamente, dizendo-t'o com todas as letras. Perdôo-te. Amo-te; adoro-te. É uma vileza este amor, uma humilhação esta idolatria. Tentei, de mim commigo, dez vezes, cada um dos expedientes usados nestes casos de torpeza moral e physica—matar-te, abandonar-te, matar-me; porém reconheci que nenhum d'elles era uma solução, porque o meu amor, que sobreviveu á infamia, sobreviveria á morte; porque eu não posso passar sem ti, sem esse corpo, sem essa carne...

E uma scena deploravel seguio-se.

Quinze minutos depois recebia o Conselheiro no seu vasto gabinete, forrado de livros, mobilado com severa elegancia, a visita do Barão de ***, presidente do

Conselho de ministros, que vinha, em nome do Imperador, convidar Sua Excellencia a organizar e presidir o novo gabinete, visto que sómente aquella hora — um relógio começava a tinar as doze da noite — se dignara Sua Magestade de acceitar a demissão collectiva do gabinete que tivera a honra de presidir, incumbindo-o de procurar immediatamente o Conselheiro Nabor de Mello para substituil-o.

O Conselheiro respondeu que estava trabalhando na occasião em que o carro do seu illustre collega parára á sua porta — e indigitava a secretária, em desalinho.

Correctamente envolvido na sua longa sobrecasaca ceremoniosa, o laço largo da gravata tarjando de preto o collarinho alto, de pé, a sua pallidez lampejava aos reflexos do candieiro de estudo; e o Barão de *** contemplando-o com os seus finos olhos preguiçosos e o seu sorriso mecanico, pensava, indistinctamente, considerando aquella serenidade e aquelle pallor:

— É de cera.

* * *

Passaram-se annos, decorreram lustros...

Num pavilhão erguido no Largo da Mãe do Bispo, installara um artista estrangeiro um museu ceroplastico, e para que a curiosidade e o interesse da clientella fluminense fossem maiores e mais copiosa a renda das entradas, portanto, juntou o artista ás figuras celebres do mundo inteiro — a Rainha Victoria, o Imperador da China, Napoleão Primeiro, o Papa, alguns assassinos medonhos, etc., alguns typos historicos do Brazil, antigos e modernos. O effeito foi prodigioso, o que se explicava melhor pela novidade d'aquella industria que pela perfeição das figuras.

Entre as de semelhança mais impressionadora estava a do eminente e saudoso estadista Nabor de Mello, que o artista, por uma feliz fantasia, collocara fóra das grades, no salão, entre os proprios visitantes; o que occasionara equívocos varios e graciosos.

No dia da inauguração o primeiro que se enganara com ella fóra o Imperador, que a tomara, no primeiro momento, por um visitante e lhe pedira desculpa por havel-o encontrado. Um dos camaristas, sorrindo, desfez-lhe o engano, e então Sua Magestade entrou a examinar com atenção a figura e, abanando affirmativamente a cabeça branca, disse com a sua voz fanha, anasalada:

— É o Conselheiro Nabor de Mello. Perfeito. Pareceria vivo se fosse mais pallido.

O Imperador tinha razão. O artista, não acreditando no que lhe informaram acerca da lividez do grande homem, não o fizera assaz pallido, dera á cera uma apparencia de cutis viva. Por isso os que bem haviam conhecido o Conselheiro, não o reconheciam immediatamente, alli, naquella figura immovel e grave, em posição elegante de orador parlamentar, consciente da avidéz com que é ouvido: — não parecia de cera.

Rio de Janeiro, 11 III 1898.

VALENTIM MAGALHÃES.



GLADSTONE

EM 1845, Disraeli, que foi mais tarde o famoso lord Beaconsfield, escrevia á sua irmã: « o manifesto eleitoral de M. Gladstone é confuso e sem vigor. É possível que o seu autor tenha futuro, mas não creio. »

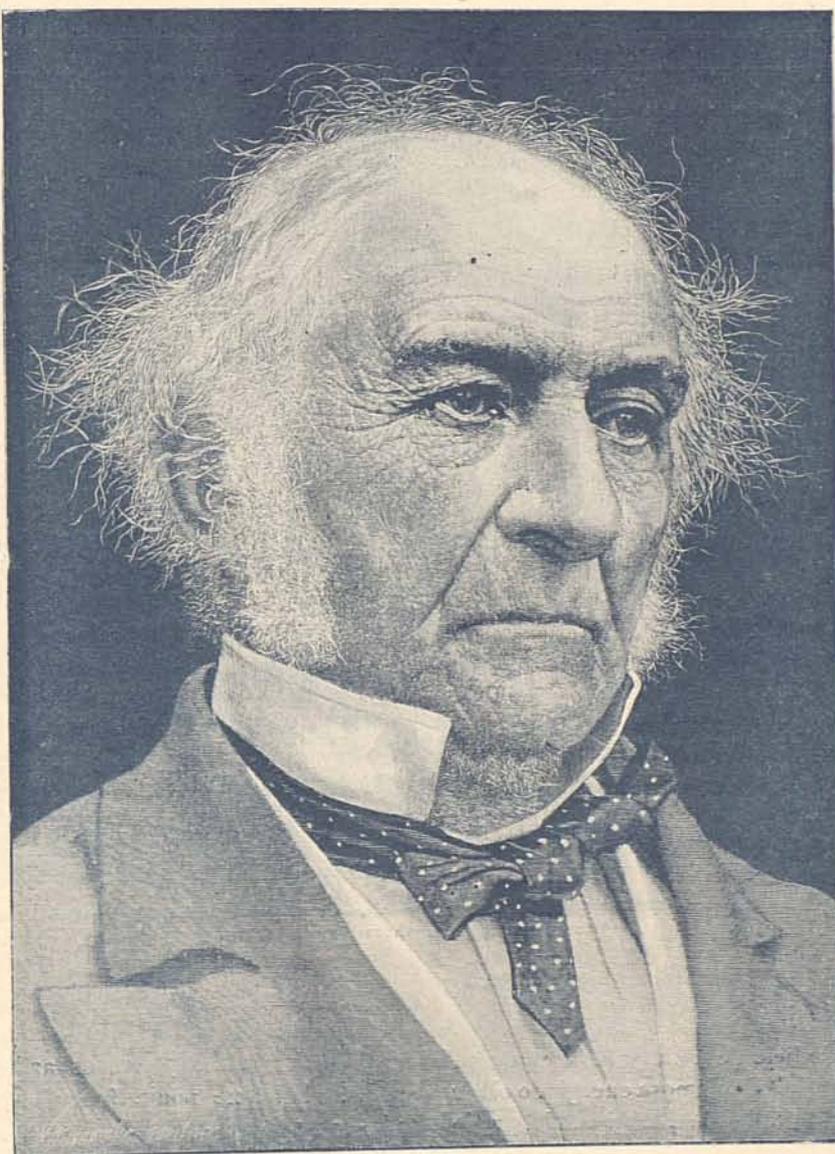
EM 1898, a 19 de Maio, M. Balfour, ministro d'Estado e primeiro lord do thesouro, annuncia á Camara dos Com-muns, a morte de Gladstone, pede que se façam ao illustre estadista funeraes identicos aos de Chatham e Pitt e propõe que na abbadia de Westminster seja erigido um monu-mento em honra do grande morto.

Aquella ridicula prophecia e esta justa homenagem, marcam o inicio e o fim de uma das mais celebres carreiras politicas d'este seculo.

William Ewart Gladstone entrou aos 23 annos no parlamento inglez. Eleito por influencia do duque de Newcastle, o jo-vem representante do Newark conquistou logo um dos primeiros lo-gares pela sua elo-quencia, pelo fun-do practico e do-cumentario que revelou em todas as discussões. No mesmo anno sir Robert Peel im-pressionado pelas suas aptidões nomeou-o lord do-thesouro e no anno se-guinte secretario dos negocios coloniaes. Quando caiu o ministerio Peel, Gladstone acompanhou o seu chefe e ficou na opposição até á nova entrada de Peel em 1841. Então aceitou os cargos importantes de vice-presidente da commissão do commercio e de director da moeda. Ao mesmo tempo entrou para o Conselho-pri-vado. Em 1846, para não tomár parte n'uma discus-são entre sir Robert Peel e o duque de Newcastle, affastou-se do parlamento ao qual voltou de novo em

1847, eleito pela universidade de Oxford. Cinco annos depois fez, pela primeira vez, parte de um ministerio. Como na camara se levantassem violentos debates a res-peito da posição do exercito inglez deante de Sebastopol, Gladstone retirou-se e ficou durante algum tempo sem posição official. Em 1859, entrou outra vez n'um minis-terio, sob a presidencia de lord Palmerston e habilmente

concluiu um trata-do de commercio com a França. De- pois da morte de lord Palmerston fi-cou sendo o *leader* da Camara dos Communs. Em 1867, começou a sua corajosa cam-panha a favor da Irlanda, fazendo a sua famosa decla-ração do « desesta- blishment » da Igreja irlandeza e dois annos mais tarde, tendo subido a primeiro minis- tro, realisou essa grande reforma eclesiastica e fez votar a primeira lei agraria irlandeza. Em 1875, ence- tou a longa e cele- bre campanha con- tra as atrocidades turcas exercidas sobre os Bulgaros e os insurrectos slavos. Em 1880, procurou em vão arrastar a França contra o Egypto e cinco annos mais tarde foi substitui- do no governo por lord Salisbury cujo ministerio durou



SIR WILLIAM EWART GLADSTONE
Grande estadista inglez falecido a 19 de Maio de 1898.

apenas um anno. De volta ao poder, Gladstone defendeu com ardor o seu projecto sobre o governo da Irlanda, e as discussões violentas, que a este proposito se eleva- ram, trouxeram como consequencia a dissolução da ca- mara e a queda do seu ministerio.

Este rezumo que acabamos de fazer da carreira poli- tica de Gladstone, teve só por fim citar datas que lembrassem grandes factos da vida do *great old man*. Desenvolver esses factos e n'elles descobrir a poderosa influencia do grande estadista, seria o mesmo que

contar a historia da Inglaterra durante mais de meio seculo.

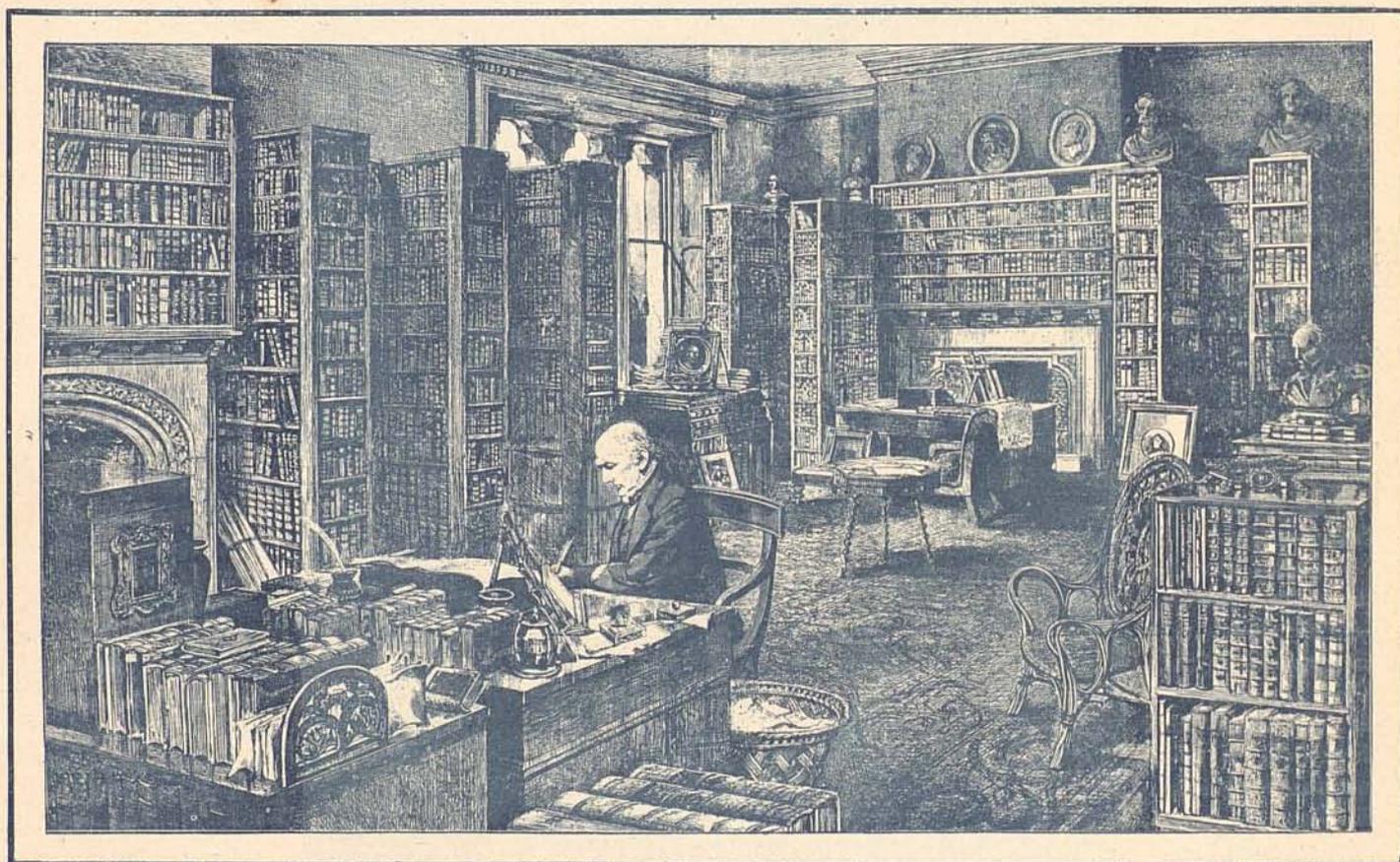
E a historia da Inglaterra contemporanea, é afinal — no desenvolvimento colossal da sua influencia — a historia do mundo inteiro.

Deprehende-se d'aqui a causa da universal fama de Gladstone; e se só á historia compete, mais tarde, o aquilatar a obra do estadista, desde já é facil descrever a insinuante e curiosa modalidade do homem, e traçar a sua figura tão caracteristicamente ingleza.

Toda a gente conhece o retrato de Gladstone, sobretudo do Gladstone de ha dez annos, d'esse velho grande, magro, vigoroso, impertigado, a cabeça alta emergindo do legendario collarinho, e em torno da qual os cabellos

escossez transparecia. Aonde porem o seu rosto, de todo desanuviado, resplandecia como o espelho fiel da sua agudissima intelligencia e prodigiosa imaginação, era na palestra intima, no seu castello de Hawarden ou nas alamedas do parque historico, aonde dizem que por vezes, para calmar a sua actividade physica, abatia á machadada velhos e robustos carvalhos. No meio dos seus que adorava, tendo á mesa alguns amigos, Gladstone soltava, por assim dizer, o turbilhão das ideias e durante horas fallava no meio do silencio dos convivas boquiabertos.

Tinha uma erudição espantosa. Tudo sabia, não com o superficial *diletantismo* de uma educação moderna, mas com a forte sabedoria de quem aprofundou as causas do



Gladstone na sua bibliotheca de Hawarden.

muito brancos e a barba muito branca brilhavam ás vezes, sob certos effeitos de luz, como um aureola de prata. O queixo forte e largo indicio de uma grande vontade, o nariz direito e solido signal de teimosa energia, o olhar profundo e vivo prova de afinada intelligencia, tudo concorria para dar áquella cabeça um cunho de incontestavel superioridade e de inolvidavel sympathy. A expressão do seu rosto attingia por vezes uma tal intensidade, que quasi se dispensava a palavra para se lhe adivinhar o pensamento. Durante as grandes luctas oratorias, nos seus violentissimos discursos de opposição parlamentar, o rosto illuminava-se de entusiasmo ou acendia-se de cholera antes que a palavra fluente, sonora e dominadora, transmittisse a toda a assembleia essa cholera ou esse entusiasmo. Nas serenas discussões dos negocios correntes, a face dura tomava um aspecto de macia tranquillidade e um sorriso discreto sublinhava uma ou outra phrase em que o seu *humour*

saber e d'ellas tirou o solido raciocinio. Das mais elevadas questões de theologia, que constituiam o seu estudo favorito, aos mais practicos artificios dos differentes sports, Gladstone podia fallar com os especialistas de todas as sciencias e de todas as artes sem que o adversario pudesse descobrir alguma falha do seu saber.

Conta-se que, um dia, um lord seu visinho, *sportman* celebre, tendo-o convidado a jantar, notou já tarde que o illustre estadista ia achar-se no meio de *sportmen* que só sabiam fallar de equitação, corridas, etc., assumptos que decerto não interessariam o *great old man*. Contrariado o lord amphitrião preparava-se já a um silencioso e aborrecido jantar, quando, com surpresa sua, Gladstone logo que se sentou á meza começou a fallar de cavallos, contando como estes nobres animaes tinham desempenhado um importante papel na antiguidade e encantando o seu auditorio com a descripção das corridas dos carros em Roma e os feitos equestres d'essas epochas remotas.

Quando acabou de fallar notaram todos, com espanto, que a noite ia alta e que durante seis horas nenhum dos convivas tinha conseguido dizer uma palavra, atrainhos e subjugados pela interessante conferencia que, sobre a arte de equitação, acabava de fazer o primeiro theologo e o mais eloquente ministro da Inglaterra.

Primeiro theologo decerto, mas tambem apaixonado litterato. Quando na sua vida agitada de homem politico se abria um interregno, logo Gladstone se retirava a Hawarden e lá, no apasigado silencio do seu castello senhorial, na sua larga e rica bibliotheca, traduzia ou commentava Homero, Horacio e Dante. Os poetas gregos erão os seus autores predilectos. Poucos dias antes de morrer ainda Mis. Gladstone lhe recitava versos de Homero, que de

collaboração os dois esposos tinham traduzido. Conhecia a fundo toda a litteratura contemporanea e sabia de cór tragedias inteiras de Shakspeare. Afóra isto, escrevia livros, folhetos e artigos sobre os mais variados assumptos; as suas obras originaes occupam vinte e tres paginas do catalogo impresso da bibliotheca do British-Museum. Embora, n'este campo, Gladstone não tenha obtido a posição que o seu grande espirito deveria assegurar-lhe, é certo que as suas produções litterarias quasi todas doctrinarias são impregnadas d'aquella grande sinceridade que fez a principal qualidade do celebre tribuno. Em todas as questões a que se dedicava Gladstone punha uma convicção

que abalava os proprios adversarios e que era a grande força da sua eloquencia. Quer defendesse a desprotegida Irlanda, quer protestasse contra os crimes de Abdul-Hamid, quer atacasse os privilegios da Camara dos lords, sob a sua palavra colorida ou veemente se sentia o entusiasmo verdadeiro pela causa que advogava. E foi esta bõa fé, esta pureza de convicções, que fizeram de Gladstone o homem mais popular da Inglaterra.

Para esta popularidade concorreram tambem a simplicidade da sua vida, o desapego das honras e titulos nobiliarios que par varias vezes lhe foram offercidos e a serenidade exemplar da sua vida de familia, que poeticamente desabrochava, sob o ceu luminoso da Italia, de um amor apaixonado e poetico e agora findava, nas sombras tranquilladas de Hawarden, ao som dos claros risos de Dorothea Drew, loura creança por quem o velho Glad-

stone aprendera ainda a unica arte que desconhecia: *l'art d'être grand-père.*

A vida d'este grande inglez é mais um exemplo de que, para a admiração e gloria contemporaneas, valem muitas vezes mais a qualidade e pureza das intenções, que a importancia dos resultados obtidos pelo trabalho de um homem.

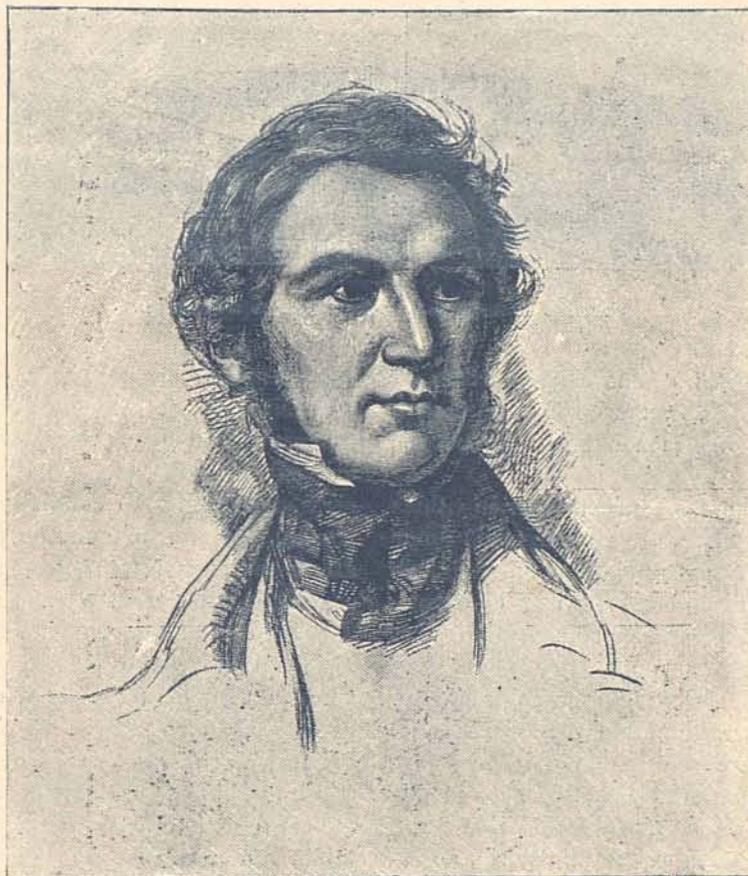
Da longa carreira de Gladstone, não nasceu um unico acto a bem da humanidade, nem a bem da propria Inglaterra. Todas os grandes gritos de revolta ou de piedade que, da tribuna, Gladstone lançava ao mundo, os projectos e as ameaças da sua politica de opposição calavam-se e desapareciam logo que subia' ao poder. Dir-se-hia que em Gladstone havia duas individualidades perfeitamente distinctas: o orador e o ministro.

O orador: sincero, sentimental, convencido e ardente. O ministro: reservado, indifferente, dubio e irresoluto. De todas as suas choleras contra a Turquia não resultou uma só medida diplomatica a favor dos povos massacrados. O amor que constantemente manifestava pela França não o levou a intervir em 1870, contra as espoliações da Allemanha.

Pelo contrario, quando rebentou a guerra, Gladstone então no poder empenhou toda a sua influencia em crear a neutralidade de todos os estados da Europa, neutralidade que só podia prejudicar a França; e quando os allemães estavam já ás portas de Pariz o

grande ministro inglez que se dizia o *amigo respeitoso* da França, deu esta cynica resposta ao diplomata, que em nome da grande vencida lhe pedia uma intervenção: « O momento é pouco favoravel esperarei para intervir effiçazmente que a França alcance uma primeira victoria ».

Pode-se talvez observar que Gladstone, quando ministro, punha os interesses do seu paiz acima das suas convicções ou sympathias. É provavel. Mas então faltou-lhe a energia e resolução necessarias para compensar, por grandes serviços á patria, a indifferença pelos negocios internacionaes. A nenhum dos seus ministerios cabe a gloria de uma grande medida ou de uma grande conquista. Nenhum d'elles concorreu para a expansão colonial da Inglaterra ou para o seu engrandecimento maritimo. Sob este ponto de vista, é certo que a politica de Salisbury, sem escrupulos mas tambem sem indecizões, foi e é mais ingleza.



Gladstone em 1840
Quadro de George Richmond.



Castello de Hawarden. — Residencia de Gladstone.

Foi Gladstone que ordenou o famoso bombardeio de Alexandria e que inaugurou a ocupação do Egypto, mas foi também Gladstone que propoz mais tarde a evacuação d'esse d'esse territorio.

A Irlanda também pouco ganhou com as sympathias oratorias do grande tribuno; se a campanha do *home rule* não teve o successo que merecia, não foi só devido á opposição violenta das duas camaras mas teve também como causa a falta de tenacidade com que Gladstone defendia a sua palavra.

Esta falta de tenacidade foi quasi uma contradicção. Os seus adversarios nunca perderam uma occasião de lhe censurarem a facilidade com que na sua longa carreira politica Gladstone mudava de partido. Tendo debutado no partido *tory*, foi depois chefe dos liberaes e mais tarde na formação do seu ultimo ministerio, accetou o concurso de elementos radicaes que causaram o affastamento de conservadores taes como o duque de Devonshire e M. Chamberlain.

Aos que lhe faziam notar estas successivas mudanças de programma Gladstone, como seu grande espirito, respondia que um homem de estado deve seguir o movimento das ideias do seu seculo e que não era culpa sua se essas ideias mudavam todos os dez annos.

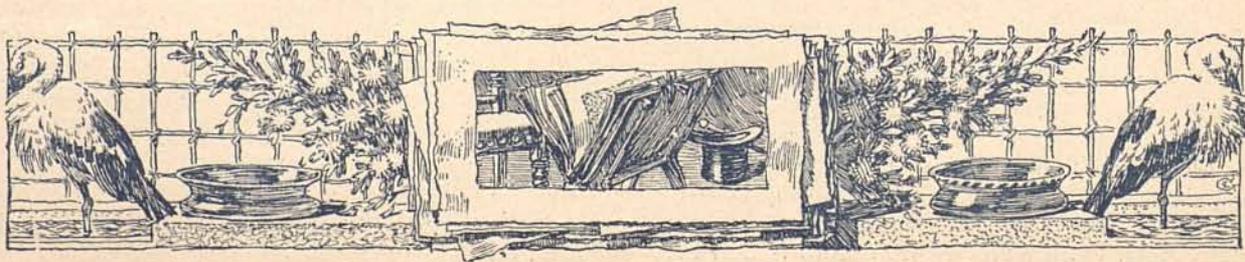
Este raciocinio que parece, á primeira vista, verda-

deiro é apenas um sophisma com que o grande orador — habituado a recorrer a estes expedientes da logica — procurava desculpar a pouca estabilidade do seu espirito, demasiado grande para serena e pertinazmente percorrer sempre o mesmo caminho; pois, se por um lado o homem que governa um povo não pode inteiramente alhear-se das aspirações e orientações sociaes, por outro, o politico, para levar o cabo os grandes actos de que depende o futuro de uma nação, tem que persistir nas ideias que fixaram o seu programma e por esta perseverança crear em torno de si um partido e uma opinião que o ajudem a vencer.

Esta *falta de partido* foi causa do pouco alcance das admiraveis luctas parlamentares de Gladstone e explica até certo ponto o facto que apenas no limiar da immortalidade já a sombra do estadista desaparece por traz da gigantesca figura do orador.

O *great old man*, a quem os inglezes fizeram magnificos funeraes e que hoje dorme o somno eterno no Pantheon de Westminster, bem merece da humanidade porque a sua palavra era sã e forte. E a boa palavra é como uma semente, que lançada de alto sobre o mundo, germina, cresce e se multiplica.

LUIZ SERRA.



A QUINZENA POLITICA

DOMINAM infelizmente o mundo politico europeu, os horrores da actualidade e a sombria perspectiva da guerra hispano-americana. A Hespanha sempre gloriosa e heroica, lucta com desespero, esperando embalde que a Europa, despertada, da sua criminosa lethargia rompa esse inqualificavel silencio que tanto tem contribuido para a gravidade da situação.

Até ao presente nenhum indicio de bom agouro e muito menos a menor manifestação practica foi dada ao gabinete de Madrid. Todos calam-se timoratos, apprehensivos, deante do arrojo e das pretensões do colosso millionario e as velhas formulas de justiça e de equidade não mais existem na apodrecida estructura da solidariedade europea.

Parece-nos que está reservada á Allemanhã a primeira palavra a diser, intervindo directa ou indirectamente na magna questão. A occupação das Phillipinas será naturalmente o pomo de discórdia entre Washington e Berlim. Guilherme II que ali tem grandes interesses ou antes os interesses de milhares de allemães que lá vivem e commerciam, saberá quando o momento se aproximar, convencer de um modo cathgorico e efficaz o Sr. Mac Kinley e os seus deputados e senadores, de que, se os Estados Unidos provocam e guerreiam para defender os seus interesses, a Allemanhã saberá tambem adoptar esse brutal systema, quando se tratar de defender a vida e os bens dos seus subditos, que não podem ficar á mercê dos epilepticos legisladores do Capitolio.

As successivas conferencias que são realisadas em Madrid entre o ministro dos Estrangeiros e o Sr. de Radowitz, ministro d'Allemanhã, confirmam até certo ponto a possibilidade de um accordo e mostram que qualquer cousa se procura decidir com relação a esse archipelago. Oxalá, que mesmo tarde, uma potencia qualquer seja ella a Russia ou a Allemanhã, a Austria ou a França consigam intervir de um modo efficaz contra essa abominavel mutilação da Hespanha; e os acontecimentos de Manilha justificam largamente essa intervenção pois é bem em nome da humanidade que não se pode consentir que os americanos façam a guerra, servindo-se da horda de barbaros commandados pela figura sinistra de um Aguinaldo.

O Imperador Francisco José presidio ultimamente, no seu palacio de Hofburgo, uma importante conferencia de ministros, na qual foi apresentada pelo presidente do conselho o tão esperado projecto para o orçamento das duas partes da monarchia Austro-Hungara.

Não foi sem grande protesto da Hungria que foi votada uma verba de cincoenta e cinco milhões destinados á construcção de navios para a marinha de guerra. Os chefes politicos de Budápesth fizeram forte opposição ás

despesas do orçamento naval, conseguindo reduzir de mais de metade o credito pedido que se elevava a cento e vinte milhões. A Austria ainda mais accentuou os seus desejos em contentar o parlamento hungaro, na firme esperança de obter o apoio e a cooperação do mesmo na votação do *Compromisso definitivo* que ameaça ser uma rude batalha que terá de sustentar o primeiro ministro.

Como se não fôra sufficiente a guerra da Hespanha e a carregada atmospherã que paira sobre toda a Europa, agita-se toda a peninsula balkanica esse eterno formigueiro de luctas e de revoltas. A Bulgaria a Serbia e o Montenegro depois da volta do rei Milão a Belgrado vivem novamente a ameaçar a tão desejada paz do

Oriente. Esse soberano que foi sempre um personagem eminentemente desorganizador; é a causa principal de todas essas apprehensões; e a politica revolucionaria que elle inaugurou no seu paiz põe n'um constante alarme os governos de Sophia e de Cettinhe. O Sr. Conde Golluchoswky ministro dos estrangeiros do gabinete Austro-Hungaro é o estadista encarregado de moderar os ardores d'esses pequenos e bellicosos estados e de accordo com a Russia notificou aos gabinetes europeos que providencias já tinham sido tomadas em Vienna e São-Petersburgo para uma intervenção militar nos Balkans, caso a paz ali fosse perturbada por um d'esses trez paizes.

A evacuação da Thessalia pelas forças turcas é hoje um facto consummado e desde Larissa até Domokos, os batalhões do Sultão foram substituidos pelos soldados do rei Jorge.

A Grecia recomeça uma nova existencia e as justas reivindicacões do hellenismo, nada ganharam e muito menos obtiveram, com a ultima guerra. Abdul-Hamid mais sagaz diplo-

mata que toda a diplomacia europeã soube resistir a tudo e a todos e esse legendario governo da Creta sempre á espera de um governador, prova claramente os inesgotaveis recursos do Sultão.

O boato de uma alliança Anglo-Americana tem circulado com persistencia em toda a imprensa desde o começo da guerra. Como chronista de politica internacional, recusamos sempre acreditar semelhante combinação. Por mais ambicioso que seja o governo inglez e por mais poderosa que seja a união norte-americana, não possui estas compensações sufficientes para garantir um auxilio efficaz e vantajoso a uma nação como a Inglaterra, cuja politica tão vasta e heterogenea precisa ser mantida por um prestigio armado, em todo o Universo.

E não será precisamente a Inglaterra — a principal interessada no não reconhecimento da doutrina de Monroe — que se alliará a America do Norte a principal especuladora d'esse elastico principio, eterno pretexto pe discórdias, e de intervenções da parte dos Estados-Unidos,

M. BOTELHO.



CONDE GOLUCHOSWKY
Ministro dos Estrangeiros da Austria-Hungria.

BRAZIL E PORTUGAL NOS « SALONS » DE 1898

I

PINTURA

Nos dois *Salons*, o da Sociedade dos Artistas Francezes e o da Sociedade Nacional, o do antigo Palacio da Industria dos Campos Elysios e o do antigo Palacio de Bellas Artes do Campo de Marte, o de Jean-Paul Laurens e o de Puvís de Chavannes, este anno reunidos pela primeira vez sob o magnifico *hall* da Galeria das Machinas, predominam, ao menos na pintura, os artistas estrangeiros. E sabendo-se como para elles a bitola foi sempre mais alta, a selecção mais escrupulosa e a entrada mais difficil, comprehender-se-ha desde logo que o certamen actual seja superior, senão em quadros de idéa pelo menos de forma (e a forma expressão directa da Vida é o principal em Arte) ao dos annos anteriores. Mas, para este resultado, uma outra circumstancia concorreu ainda, e vem a ser a emulação sã e vivificadora despertada nas phalanges artisticas dos dois *Salons* inimigos que, nem por estarem sob o mesmo tecto, deixaram de ser rivaes.

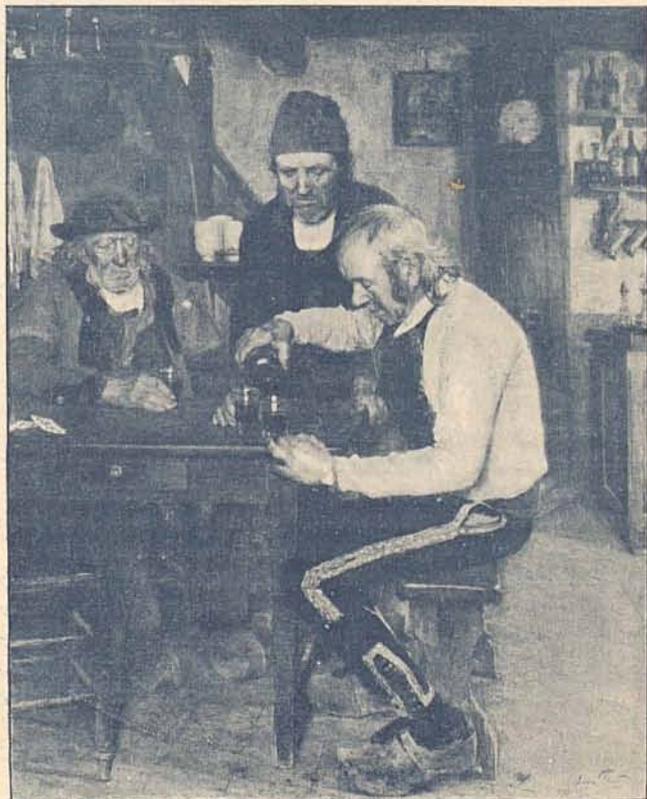
Eu vi agora pela primeira vez as duas grandes exposições de que ha bastantes annos muito vinha lendo e ouvindo dizer. E, com quanto este artigo apenas seja destinado a fallar dos artistas portuguezes e brazileiros e não a receber a confissão de sensações experimentadas em frente de todas as obras de vida, de paixão e de sonho que entre bastos quadros convencionaes de idéa, falsos e absurdos de côr, pude lobrigar no certamen (impressões que, de resto, já tive occasião de fixar n'um artigo de critica publicado n'outro jornal) julgo opportuno declarar que se o *Salon* me não pareceu um templo muito menos se me affigurou um bazar.

Mas é da representação pictural portugueza e brazileira nos *Salons* de que agora se tracta e para conhecê-la recorramos aos catalogos. Elles a accusam pela fórma seguinte. Na Sociedade dos Artistas Francezes figuram oito pintores portuguezes com onze obras: Souza Pinto, José Malhoa, Candido da Cunha, Condessa d'Alto-Mearim, Viscondessa de Sistello, Zoé Wautelet, Sarah de Vasconcellos Gonçalves e Adelaide de Vasconcellos Barbosa e quatro artistas brazileiros com cinco obras: Belmiro de Almeida, Pedro Weigartener, Alvim Correa e Manoel Madruga. Na Sociedade Nacional apenas apparece um artista brazileiro: Elyseu Visconti.

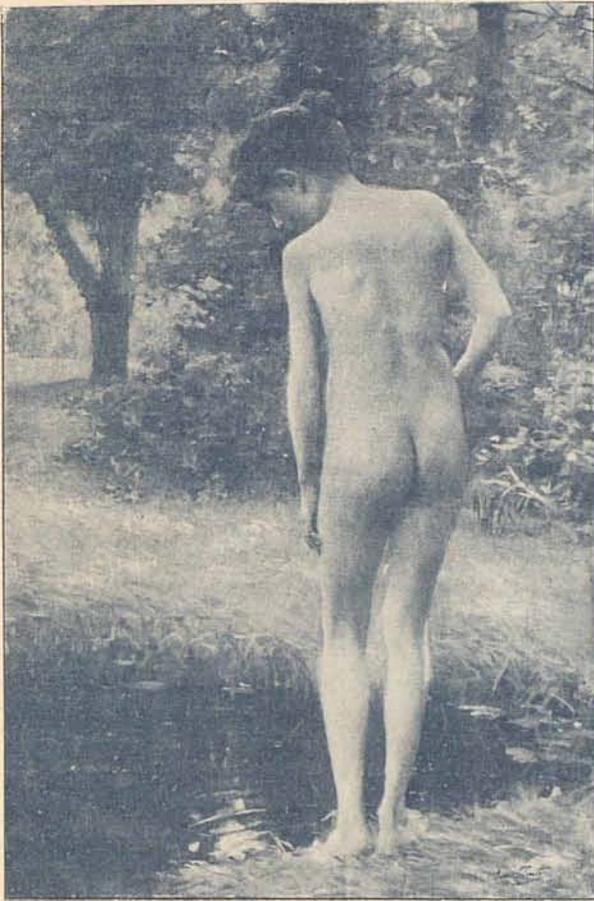
Na secção da esculptura expõem tres artistas portuguezes: Thomaz Costa, Fernandes de Sá e Francisco Gouveia; brazileiro nenhum. Mas d'estes fallarei em outro artigo.

Souza Pinto — A obra do artista das *Cuecas rotas*, para mim tão sympathica pela sua persistencia em revelar na sua humilde verdade a vida dos parias, seres de miséria e soffrimento, compõe-se de quadros de genero, scenas de interior d'uma tocante intimidade e episodios d'um ruralismo pittoresco observado á plena luz do espaço. Este anno tem no *Salon* telas dos dois generos.

Uma d'ellas, a *Taberna*, é magistral, de desenho cerrado sem seccura, figuras admiravelmente modeladas, e physionomias cheias de caracter. N'um interior de taberna pobre d'aldeia franceza tres camponezes, typos de Flaubert ou Maupassant, acabada a partida de cartas, repartem a garrafa do vinho, premio do jogo. E as tres fortes cabeças de Bretão, curvadas sobre a mesa de pinho, seguem com um cuidado extremo e egoista a operação, não vá caber a algum maior dose do nectar que não é por certo nenhum velho Chateau-Iquem. Pena é que Souza Pinto que, ha muito vive em França, e aqui vendê os seus quadros, vá insensivelmente perdendo o colorido portuguez tão generoso, trocando-o por um tonalidade violacea, que nos faz recordar com saudade os seus primeiros trabalhos. O outro quadro inspira-se no suave, melodioso idyllio de Longus. N'uma luminosa paisagem apenas accessoria, Cloë creança, perturbante já na nudez divina do seu corpo, avança o pé esquerdo para a agua que se agita n'um fremito ao contacto d'aquella carne rosada e fresca. Em volta d'ella estende-se a paisagem d'uma transparencia primaveril, de manhã de maio, com emperlamentos de orvalho nas folhas e uma alegria de verdes brilhantes que tremem ao vento. A linda Cloë, pelo rythmo ondulante das suas formas a irmã mais nova das mulheres de Fantin-Latour, exhibe a graça adolescente, musical e pura do seu corpo onde se adivinham os seios nascentes, frescos como fructos



A TABERNA
Quadro de Souza Pinto.



CLOÉ
Quadro de Souza Pinto.

d'um morangal. Este estudo de nú, o primeiro, cremos, de Souza Pinto, é excellente, e a sua Cloé lembra uma estrophe andante. Cumpre citar tambem, do mesmo auctor, um soberbo pastel — a cabeça ruded'um poveiro, d'um colorido quente e vibrante, que fica sendo o magnifico *pendant* para aquella sua cabeça de velha existente no Museu de Porto, obra prima de solidez e vigor, mascara eminentemente portugueza em que as fibras fallem e as rugas choram.

Atravez da galeria artistica do Sr. José Malhoa, vasta pelas qualidades excepçoes de trabalho que nobilizam o pintor, é facil escortinar que o seu talento é feito mais de improvisação que de reflexão, ainda que esta falta não exclua a de paixão. E é na facilidade e na fecundidade do seu estro que se origina o erro do artista em ir pedir a outros a inspiração que elle poderia, estou certo, encontrar em si, mal se resolvesse a desprender a sua personalidade de influencias e em desenvolvê-la com a mesma nobre persistencia e igual continuidade á que põe no seu trabalho.

Vendo um dos quadros que mandou ao *Salon* affeito-me mesmo a crer que

já encontrou a sua formula artistica; d'oravante é proseguir n'ella, e assim não haverá mais na sua obra as distancias que teem até hoje separado irreconciliavelmente as suas varias maneiras, e as reminiscencias que as suas futuras télas accusarem serão apenas reminiscencias da sua propria obra. Sim! siga só, por seu passo, os pés mettidos em sapatos que não pediu emprestados a ninguem!

Refiro-me ao excellente quadro de costumes *As Papas*. N'uma cosinha fumacenta, duas pobres camponezas velhas fazem a sua frugal refeição, levando á bocca com uma colher de pau as papas de milho, talvez d'um doirado excessivo de creme. Ao lado, sobre a mesa, poisam duas sardinhas assadas e um pedaço de broa, complemento do jantar. Na luz escassa e neutra accentuam-se com vigor as mascaras, bem portuguezas, das duas velhas cujas mandibulas trabalham lestantemente, nada comicas apesar d'isso, graves, austeras mesmo. As roupagens, tão typicas, da dura extamenha, concorrem ainda mais para a impressão de gravidade que esta pintura, d'um caracter tão eminentemente portuguez pelo assumpto e pelo tom, produz.

Alem d'este quadro, que me agradou muito, ha ainda do mesmo auctor uma tela diminuta representando uma scena do Minho, com duas ou tres figuras, entre ellas uma camponeza, cujo costume encarnado da região, lança uma nota vibrante e deliciosa.

Ao defrontarmos com a tela de *Candido da Cunha* vemos que estamos em frente d'um forte e promettedor arcaboço de pintor cuja inspiração é nobre e facil, em que o noivado da forma com o sentimento é intimo e profundo e a pincelada vibra, estremece e chora com toda a personalidade do artista.

O *Viatico* é uma paisagem austera, d'uma poesia grave e doce. No primeiro plano duas figuras, o padre que leva o viatico, e o menino do côro conduzindo a lanterna cuja chama pica a noite e se embebe, como filete de sangue, na treva. As figuras são apenas indicadas, sem recorte nitido, sem projecções, e toda a intensa belleza poetica da tela reside no drama natural, na luz e na sombra. No segundo plano, uma lua nascente aver-



O VIATICO
Quadro de Candido da Cunha.

melhada, banha campos e montanhas que se adivinham e perdem na noite, e ao longe sente-se uma povoação que palpita indecisa e vaga. Tão pouca coisa, e no entanto é o infinito e é a perfeição! O sentimento do mysterio abre as azas sobre esta tela, ronda as figuras que mal revela, lateja nos algares da montanha que mal contorna, palpita no luar que mal abre e emerge sómente, evocador, da sombra. *Viatico* é um titulo mal achado; eu ter-lhe-ia chamado antes *Hymno á Noite*, que é o que realmente esta tela é.

Candido da Cunha reúne ao sentimento plastico o sen-



COMMUNGANTE
Quadro da Sra. Viscondessa de Sistello

Croquis do autor.

timento idealista; na sua factura larga, cursiva, vigorosa, perpassa com intensidade a poesia da natureza; o estabelecimento dos planos é perfeito; o toque firme e solido. Esta sua noite azulada e doce em que repouso os olhos caçados de tantas effigies mundanas, da bariolagem gritante de tantas telas absurdas, só um artista bem portuguez, poeta e d'uma raça de poetas, a poderia pintar. É preciso fixar este nome, pois está aqui o estofado d'um grande paysagista que, com Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Carlos Reis constituirá já agora a trindade capaz de proseguir a obra de Silva Porto e Marques d'Oliveira, de interpretar com alma portugueza a terra portugueza. El-Rei D. Carlos é o poeta pantheista e tragico, alma de navegador das descobertas, para dizer a lucta convulsa das ondas negras dos mares sinistros e para entoar hymnos á vida, á hora em que as fanfarras do sol pelo alto azul cantam a fremente epopea da luz;

Carlos Reis, é o pincel nervoso e calido, cheio de foga e esbrazeado de côr; Candido da Cunha a alma de elegia e lyrismo que prefere as horas bemolisadas da melancolia e ternura, alvas que poem no azul tremuras de sangue e de amaryllis, entardeceres brandos, crepusculos macios, noites lacrimosas em que o luar chora rosas.

A Sra. Condessa d'Alto Mearim expõe um bello pastel, *Soror Marianna*. A enamorada freira portugueza que na bella phrase da grande escriptora D. Maria Amalia « tinha mais genio no coração do que outros teem no entendimento » está cahida de joelhos, orando; pelos dedos afilados das suas mãos pallidas como um marfim velho, passamas contas d'um rosario; os labios mechem-se supplicando; os olhos trigueiros procuram Deus, mas não conseguem ver senão, persistente e galharda, a figura d'esse cruel cavalleiro de Chamilly que, para terras de França, lhe arrebatou coração e socego.

A Sra. Condessa d'Alto-Mearim pintou não um atormentado typo de mulher queimada e devorada por um mysticismo sensual, á Santa Thereza, mas o proprio symbolo da enamorada mulher portugueza que sempre, mesmo no convento para onde a arrasta algum sonho morto ou paixão desgraçada, continua até á morte, como essa freira de Beja no passado ou como a doce Therezinha do *Amor da Perdição* no presente, a amar e por amor morrer. A Sra. Condessa d'Alto-Mearim é uma alma apaixonada e commovida de artista, que traduz em poeta comprehensivo e terno as suas imagens.

A sua *Soror Marianna* é uma obra de vida, de paixão e de sonho, um ser que ondula em flexibilidade e se crava em desespero.

A Sra. Viscondessa de Sistello apresenta uma cabeceinha amoravel de *Commungante* d'uma graça e maneirismo elegante que, por ser um tudo nada ficticio, não deixa comtudo de apresentar uma attitude de caricioso e tocante sonho.

A auctora da *Pietà*, cabeça d'uma rara inspiração aureolada do oiro das santificadas byzantinas, transmitte-nos no seu quadrinho d'uma pureza e frescura de côr notavel, o macio encanto d'essas figurinhas que n'este maio nocturno vemos passar na *grisaille* das ruas, soerguendo o tule dos véos côr de neve.

Elles vont, les communiantes,
Pareilles à des lilas blancs.

Mademoiselle Zoé Wauthélet, que possui um verdadeiro sentimento da harmonia geral, contentando-se com linhas d'um effeito simples mas que documentam o instincto da luminosa belleza das formas, expõe um retrato de senhora com a pose natural, o gesto sobrio, o olhar penetrante. Mas as boas qualidades que revela n'esta obra não me fazem esquecer uma adoravel cabeça em fundo rosa que d'ella vi o anno passado na Exposição do Gremio Artistico em Lisboa, pastel vaporoso e lindo ante o qual eu murmurei o nome de Watteau de que elle perpetuava decerto o roseo sonho. Quanto aos outros dois quadros, *Manhã de S. João* da Sra. D. Adelaide de Vasconcellos Barbosa, e da Sra. D. Sarah de Vasconcellos Gonçalves: *Agreiro no olho*, pelas balbuciantes qualidades que denunciam não nos permitem senão guardar uma attitude de benevolente expectativa espe-

rando que as suas auctoras nos deem para o anno coisa melhor.

Belmiro de Almeida expõe uma magistral cabeça de velho artista que é uma pagina decidida e larga parecendo ter sahido d'um jacto n'um golpe de inspiração artistica.

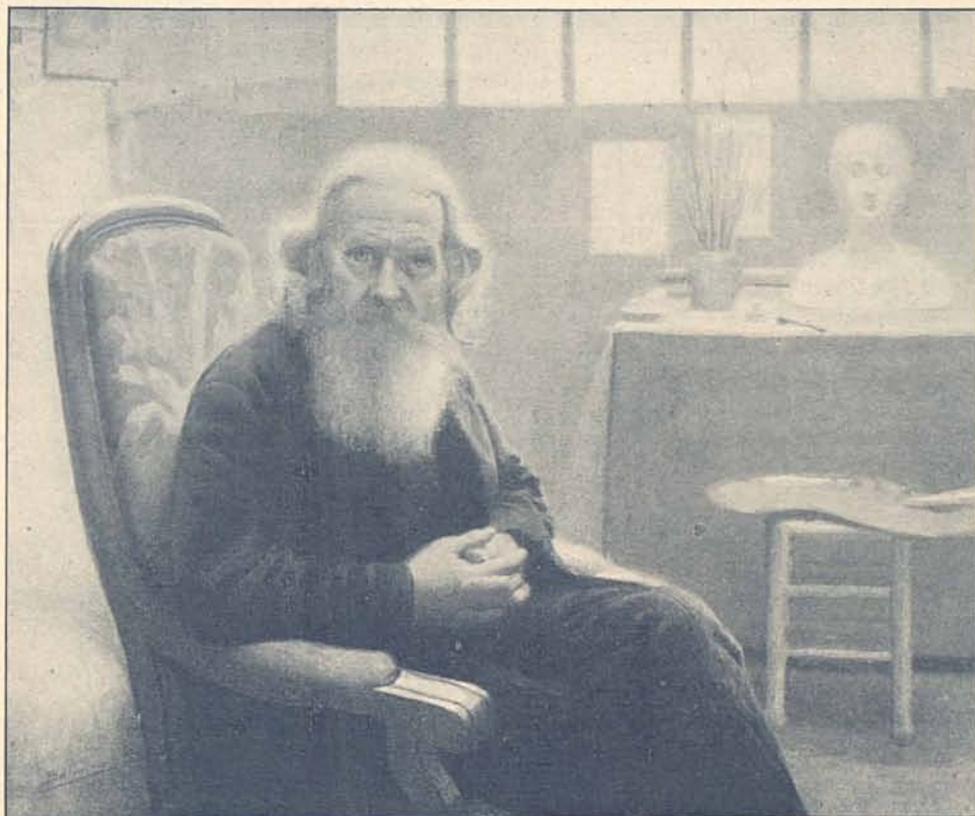
A physionomia do velho é cheia de expressão calma, doce e firme a um tempo; a mascara conhece a mechanica dos musculos; a carnção é excellente; a bocca está fendida n'um traço de fina malicia; os olhos olham e a flamma que os accende parece imergir das profundezas mais intimas do ser. O artista está sentado, de mãos cruzadas sobre os joelhos, o corpo muito á vontade e a sua attitude de descuido é surprehendida e fixada habilmente. As mãos que como diz Houssaye *tambem teem a sua physionomia* são excellentes, magras e nervosas, o character magistralmente articulado, o desenho sobrio e cerrado, o relevo notavel de cabeça modelada com perfeição, a côr luminosa e doce sem ser molle, fazem d'esta pintura um trecho de psychologia polychroma.

Belmiro é, porventura, o unico pintor brasileiro que comprehendendo ser indispensavel para crear uma arte com feição propria, recorrer ás fontes nacionaes, exprimir figuras e costumes typicos, procura orientar n'esse sentido o seu esforço. Prova-o um quadro em que está trabalhando, no qual fixa um episodio, impressivo e cheio de emoção, da vida dos primeiros emigrantes portuguezes na Vera Cruz. No Brazil, ainda mais do que em Portugal, a pintura de costumes e a pintura historica está inteiramente por fazer, e comtudo as scenas tão caracteristicas e os homens tão cheios de personalidade dos seus estados, a vida tão expressiva e tão diversa dos seus povos, tendo como fundo ora a paysagem augusta das serranias de Minas ora as florestas do Amazonas, os valles doces de S. Paulo ou as cordilheiras tragicas da Serra do Mar, a historia tão dramatica dos bandeirantes, o pictoresco jornadaear dos tropeiros e a epopea dos tamoyos, são uma mina d'agua borbulhante e pura onde desalterar as sêdes dos artistas. Oxalá que o Estado brasileiro saiba aproveitar faculdades que permitem ao artista realisar as grandes decorações reflectidas, cheias de harmonia e de poder, que elle sonha e onde vive e se fixa toda a vida brasileira.

O sr. *Pedro Weigartener* com o seu *Julgamento de Páris* dá-nos n'uma tela moderna uma scena docemente

archaica. N'um bosque cujas arvores são d'uma luz fria mas por cuja relva o sol se espreguiça com doçura está o velho pastor cercado de tres mulheres que o escutam. Duas d'ellas têm o alvo corpo cinjido de ligeiras tunicas de gaze atravez das quaes a carne ri luminosamente, os pés calçados em sandalias de seda, os cabellos desnastados e afestoados de rosas; a terceira, deixando cair as roupagens, que no chão alastram ainda uma mancha azulada, acaba de desnudar-se e de pé ante o olhar senil de Páris exhibe victoriosa o seu corpo radioso e fresco.

Este delicioso quadrinho de cavalete, collocado na *cimaise*, é de factura muito unida, acabado como se fôra uma miniatura e revela um artista apaixonado da elegancia e da belleza das formas que, com mão sabia, distribue as tintas e desenha com uma rara pureza os contornos



VELHO ARTISTA
Quadro de Belmiro de Almeida.

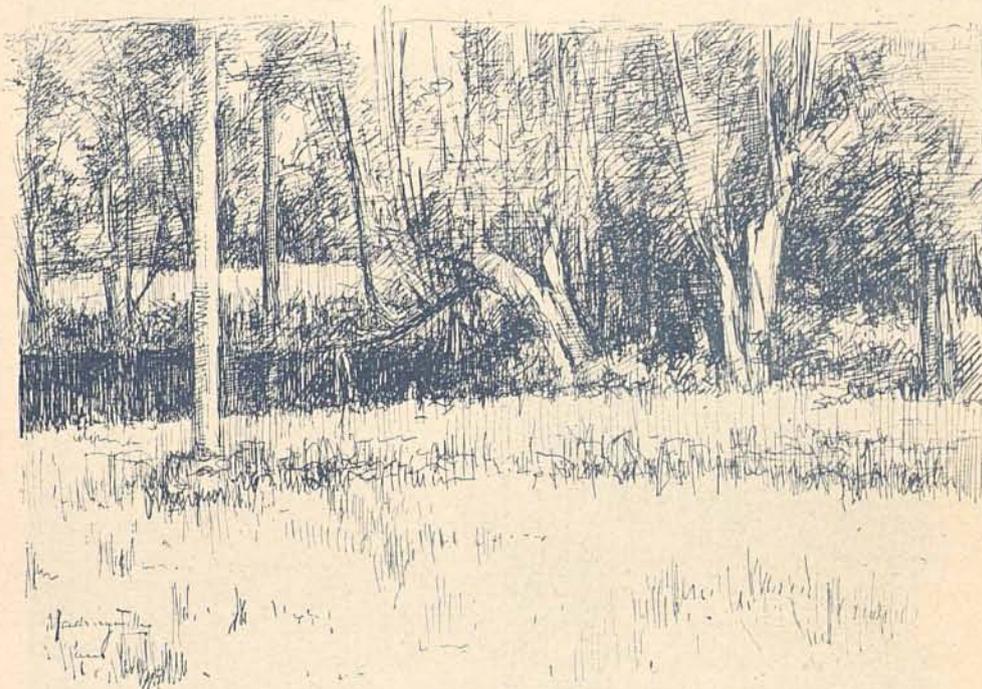
da figura. O sr. *Weigartener* é um grande harmonista cuja gama é macia e doce.

O sr. *Alvim Correa* expõe uma grande tela onde o seu pincel tentou pintar uma grande pagina, um episodio tragico e sanguinolento da epopea das ruas durante o cerco de Pariz. Mas a sua inexperiencia (dizem-me que o sr. *Alvim* é muito moço) atraiçoou a sua vontade e o quadro ficou sendo uma promessa do muito que ha a esperar do seu temperamento audaz quando as suas faculdades artisticas tiverem sido convenientemente desenvolvidas.

O quadro tem coisas excellentes; perspectiva, luz, horisonte vasto e mesmo o nevoeiro que paira sobre o rio é bem observado, traduzido com real maestria. O modelamento e anatomia das figuras são porem pessimos e aquellas phisionomias paradas de forma alguma evocam a crueza tragica do drama levado a uma tão

alta expressão de violencia. A immobildade das figuras quasi torna a acção ausente.

O sr. *Manoel Madruga*, que nos dá duas *paysagens*, é senão um mestre pelo menos um virtuose que sabe pintar mas a quem a propria virtuosidade prejudica pois a ella se abandona por completo. Ancioso por revelar a maestria do seu pincel capaz de com equal primor ir da factura mais cursiva á mais mesquinha e detalhada, dá-nos duas *paysagens* que são verdadeiramente a antithese do processo. Do seu *Bosque*, onde um rebanho de carneiros pascenta, recebe-se uma impressão magnifica. A tinta é lançada com tanta largueza de pincel que dir-se-hia o artista estar pintando uma aquarella mas sem que isto lhe prejudique de qualquer modo a solidez. A linha do céu é a propria tela. O verde é baço, porem. A outra, os *Salgueiros*, é ao contrario tão permenorisada, tão miu-



SALGUEIROS
Quadro de Manoel Madruga.

dinha, d'uma tal mesquinhez de recortes, tão exageradamente detalhada nas ultimas minucias de traço, cada haste de herva apercebendo-se acabada com tal nitidez, que irrita. O campo não foi visto por um pintor mas olhado por um photographo. Para fazer uma obra d'arte não basta copiar é preciso interpretar. Obra d'arte é a que reproduz a emoção psychologica experimentada pelo artista diante da Natureza, emoção que não passa a maior parte das vezes d'uma sensação produzida por uma determinada symphonia de cores ou particular harmonia de linhas.

Esta *paysagem* sobretudo é fria, polarmente fria, o que choca n'um artista cujos olhos foram educados n'esse resplandescente Brazil, de luz quente e de *paysagem* verde e oiro. Se no sr. Madruga o desenhista é excellento, o colorista é gelado. Faltam-lhe os ardores generosos que fazem do conflicto das cores e da manobra do pincel um prazer, uma festa para os olhos. Possui decerto o dom essencial, o da exactidão e da sinceridade, não só no levantamento das formas e na transcripção das silhuetas mas na juxtaposição das notas coloridas. Precisa porem de commover-se, ser mais

luminoso e menos linear, e deixar a sua imaginação que, como a de todos os brasileiros é decerto poderosa, drapejar a todos os ventos e bater todos os câminhos. Sobretudo vá ao calor, á luz, a tudo o que vibra, palpita, estremece e canta!

A religião fornece o assumpto ao pincel do sr. *Elyseu Visconti*. A sua tela representa o martyrio de S. Sebastião. As mãos cahidas, atado ao tronco d'uma arvore, que divide a tela em duas partes eguaes, flanqueado por figuras de anjos de cabellos doirados que lhe collocam na cabeça um aro doirado tambem, S. Sebastião, bella academia indifferente, de carne branca d'androgyno, de cutis macia de mulher, lacerado de flechas doiradas, agita os ancis loiros da sua cabelleira d'estheta e ergue para o ceo d'um violeta opaco e indifferente os seus olhos agradaveis e doces.

A figura não exprime soffrimento, não ha agonia no esticar do corpo, a menor dor nos musculos. O estado d'alma do santo deve ser consolador porque o ar que affecta a sua physionomia é de mansidão e volupia. Ao lado, quasi no mesmo plano, por um erro de perspectiva pequenissimas, veem-se duas figuras de mulher cujas carnes vivas teem o ar de mortas ou anemicas.

Agrada-me muito a anatomia do corpo flexuoso e depauperado do santo; o peitoral, o deltoide e as mãos, onde os musculos jogam bem, são d'um desenho solidamente assente, seguro e exacto.

Na sua tela, meio neo-gothica meio byzantina, ha a preocupação evidente de imitar Puvis de Chavannes, cuja arte de dia para dia se torna mais simplificada e mais expressiva. Mas a pureza de composição e a belleza

harmoniosa e calma do assumpto, a figura discreta e limpida, a forma socegada, o gesto macio e agudo, que caracterisam o mestre francez, são mais o producto d'um temperamento artistico commovido e ingenuo do que a adaptação de formas antigas estylisadas ao sabor do nosso tempo. A reacção puramente ideologica contra o realismo scientifico produziu, é certo, o movimento neo-christão que ha annos se observa. Mas esse *renouveau mystico*, todo á epiderme, sem raizes fundas na fé, não basta para ao seu calor se fecundar e abrir a flôr da obra prima d'arte ingenua. Para isso seria preciso candidez de sentimento, canduras de coração e sensibilidade brancas que os artistas d'este final de seculo duro e cruel, em que deu uma secca nas almas, não possuem.

No emtanto a composição do sr. Visconti é, no ponto de vista de tela decorativa, excellento. O estylo não tem secura, a tonalidade geral violeta e creme é d'uma doçura impalpavel e d'um brilho discreto e attenuado que agrada, e o nacar azulado e indeciso do fundo, em que as curvas das montanhas, com o hieratismo dos seus abetos, se diluem, é d'uma grande, limpida harmonia.

DOMINGOS GUIMARÃES.

A Musica de Wagner

(TIRADO DO LIVRO DE TOLSTOÏ : *O que é arte.*)

As obras de Ricardo Wagner são, depois d'alguns annos, acolhidas com um favor sempre crescente não sómente pelos Allemães, mas ainda pelos Francezes e os Inglezes, como as obras d'uma arte creadora e de primeira ordem. Este successo da musica wagnerianna prova a que ponto a nossa sociedade contemporanea perdeu o sentimento da arte verdadeira e se deixa empolgar por produções que não têm nada de commum com elle.

O principio fundamental de Wagner consiste, como é sabido, em que n'uma opera a musica deve servir a poesia, traduzir as menores gradações do poema. Este principio é falso, porque cada arte tem o seu dominio bem definido e acompanha as artes visinhas sem se confundir com ellas. Assim quando em uma obra unica se reúnem duas artes, a dramatica e a musical, como na opera, as exigencias de uma impedem de dar satisfação á outra.

A reunião do drama com a musica foi imaginada em Italia no seculo xv na intenção de resuscitar o que se julgava ter sido o drama musical dos Gregos. É uma forma artificial, que teve e tem ainda um certo successo, mas apenas entre as classes elevadas e só quando musicos de talento, Mozart, Weber e Rossini e outros, se inspiram n'um assumpto dramatico, abandonando-se livremente á sua inspiração e subordinando o texto á musica. É, portanto, a musica que, nas suas operas, constituia o essencial para o auditor e não o texto que mesmo quando era absurdo, como o da *Flauta encantada*, não prejudicava em nada o effeito artistico da musica.

Wagner quiz renovar a opera sujeitando a musica á poesia e confundindo as duas. Ora a musica não póde subordinar-se á arte dramatica sem perder o valor artistico, porque cada obra d'arte verdadeira exprime por uma maneira rigorosamente original e exclusiva, o sentimento do artista. A obra musical e a obra dramatica devem ter cada uma esse character. Para que uma obra d'uma certa arte coincidissem, com a d'uma outra seria preciso um encontro impossivel : que fossem ambas inteiramente novas, que divergissem do que até então fôra produzido e que ao mesmo tempo mantivessem entre si uma semilhança que as fizesse identicas. Ora isto é coisa tão impossivel como o encontrar, já não digo dois homens mas duas folhas identicas sobre a mesma arvore. E' mais chimerico ainda, o imaginar uma identidade perfeita entre duas obras d'arte diferentes, uma obra musical e uma obra litteraria.

Se ellas se confundem é porque ou só uma é verda-

deiramente uma produção artistica e a outra não passa d'uma imitação, ou porque ambas ellas são imitações. Duas folhas vivas nunca se parecem inteiramente mas é possivel fabrical-as artificiaes que sejam identicas. Da mesma forma para as obras d'arte : ellas não podem confundir-se completamente se não quando nenhuma verdadeiramente o é, quando não passam de simulacros artificiaes d'arte. Quando a poesia e a musica se associam, como no hymno, na canção ou no romance, a musica não é constringida a seguir cada verso do texto, assim como o exige Wagner, mas as duas concorrem simplesmente para produzir uma impressão unica. É que com effeito a poesia lyrica e a musica têm quasi o mesmo fim que é o de produzir uma impressão; e as impressões que ellas produzem podem mais ou menos coincidir. Mas ainda n'esta combinação, o centro de gravidade encontra-se sempre em uma das duas obras, a qual é a unica a produzir uma impressão artistica emquanto que a outra passa desapercibida.

Alem d'isso uma das condições principaes da criação artistica é a inteira independencia do artista. Ora a necessidade de adaptar uma obra musical a uma obra d'uma outra arte é uma subjeição que aniquila toda a faculdade creadora. Eis porque as adaptações d'esse genero não são arte mas simplesmente simile d'arte, tanto como a musica no melodrama, as legendas dos quadros, as illustrações.

As obras de Wagner pertencem a esta cathegoria. A prova está em que falta á nova musica a qualidade essencial a toda a obra verdadeiramente artistica : o character d'unidade organizada, uma cohesão de tal modo estreita que não permita tocar no menor detalhe sem que a obra toda se desmorone. É com effeito impossivel de deslocar um verso d'uma poesia, uma scena d'um drama, uma figura d'um quadro, uma nota d'uma symphonia, sem comprometter toda a obra; da mesma sorte se destruiria o equilibrio vital d'um ser se lhe deslocassem um dos seus orgãos. Ora, na ultima maneira de Wagner, se exceptuarmos algumas passagens, pouco consideraveis, que teem um valor proprio, poder-vos-eis entregar a toda a especie de manipulações sem mudar o sentido da obra, pela simples rasão de que o sentido da musica wagneriana está não na musica, mas nas palavras.

Imaginae que um d'esses novos versificadores, hoje são numerosos, que sabem torturar o seu estylo a ponto de poderem escrever versos com o ar de possuirem um sentido sobre não importa que thema, que rythmo e que medida, se dá a fantasia de illustrar com esses versos



Ricardo Wagner.

qualquer symphonia ou qualquer sonata de Beethoven, ou uma ballada de Chopin : ás primeiras medidas do fragmento elle adaptaria versos que tradusiriam a seu contento o caracter; depois, ás medidas seguintes, d'um caracter differente, adaptaria outros versos que egualmente lhe corresponderiam, mas que não teriam nenhuma connexão interior com os versos precedentes, e, alem d'isso, não teriam nenhum rythmo nem medida. Uma obra poetica semelhante, sem a musica, seria exactamente o que é uma partitura musical de Wagner, isolada do texto.

Mas Wagner não é sómente musico, elle é ainda poeta, ou antes uma e outra cousa : para o julgar, é necessario pois conhecer tambem o seu texto, esse texto que deve servir a musica.

A principal obra poetica de Wagner é o *Anel dos Nibelungen*. Esta obra tomou hoje uma tal importancia, teve uma tal influencia sobre tudo que hoje passa por ser arte, que é preciso que todos a conheçam. Eu li com effeito as quatro brochuras e fiz d'ellas um curto extracto. É um modelo da pseudo-poesia, a mais grosseira que vae até ao ridiculo.

« Mas, dizem, não se pódem julgar as obras de Wagner sem as ter visto e ouvido na scena. » — Este inverno, deram em Moscou a segunda parte d'este drama lyrico, a melhor, segundo me affirmaram; fui portanto ao theatro e eis aqui a impressão que trouxe.

* * *

Quando eu cheguei a enorme sala estava já cheia : havia a flôr da aristocracia e da finança assim como sabios e funcionarios de todas as cathogorias. A maior parte tinha na mão o libretto buscando penetrar-lhe o sentido. Os dilettanti, entre os quaes se contavam homens já velhos, seguiam a musica sobre a partitura. Visivelmente, a representação era como que um acontecimento.

Eu cheguei com atrazo mas informaram-me que o curto prologo porque abre a acção tinha pouca importancia. Na palco, ao meio do scenario que representava uma caverna talhada no rochedo, diante d'um objecto destinado a representar uma bigorna, estava assentado um actor em fato de malha, as espaduas cobertas por uma pelle d'animal; tinha cabelleira e barba postiça; as suas mãos brancas, cuidadas, não tinham nada do operario (o ar desembaraçado, o ventre proeminente, e a ausencia de musculos trahiam facilmente o actor) e, com um martello inverosimil batia como nunca se bateu, uma espada não menos fantasista; ao mesmo tempo abria extranhamente a bocca e cantava palavras que era impossivel perceber. Os numerosos instrumentos da orchestra acompanhavam os sons extranhos que o actor imittia. Podia-se saber pelo libretto que o actor figurava um anão forte, habitando a caverna, em via de forjar uma espada para Sigfiredo que elle educara. Podia-se adivinhar tambem que era um anão porque o actor caminhava dobrando as pernas pelos joelhos.

Este anão cantava ou antes gritava longamente com a bocca sempre extranhamente aberta. Todavia a orchestra emittia, ella tambem, sons bizzaros, sem seguida. Sabia-se pelo libretto que o anão cantava a si mesmo a historia d'um anel de que se tinha apoderado um gigante e que elle por sua vez queria adquirir para o braço de Siegfried; para esta conquista, Siegfried, precisava d'uma boa espada e o anão occupava se em forjal-a.

Depois deste monologo ou canto, bastante prolongado, outros sons ainda faser-se subitamente ouvir na orches-

tra; um outro actor apparese com um corno á bandoleira, condusindo um homem disfarçado em urso e que marcha o quatro pés. O conductor solta o urso sobre o anão-ferreiro que foge, esquecendo se d'esta vez de dobrar as pernas. O actor com face humana representa o proprio heroe Siegfried. Os sons que se fazem ouvir na orchestra ao tempo da sua entrada, exprimem, parece, o caracter de Siegfried : é o *Leitmotiv* de Siegfried; é repetido cada vez que este ultimo apparece porque cada personagem tem seu *Leitmotiv* que se faz ouvir a cada apparição do personagem em questão, mesmo a cada apello do seu nome. Mas ha melhor — cada objecto tem o seu *Leitmotiv* : o anel, o capacete, a maça, o fogo, a lança, a espada, a agua, etc.

O actor que trazia o corno abre a bocca com tão pouca naturalidade como o anão e grita por muito tempo, quer diser canta certas palavras e o anão Mime (é o seu nome) responde-lhe pela mesma forma. O sentido d'esta conversação que não se comprehende senão com a ajuda do libretto, é que Siegfried foi educado pelo anão e que, por consequência, elle o aborrece e quer matar. O anão forjou com esmero uma espada para Siegfried mas este não está satisfeito. Por as dez paginas d'esta conversação que sobre a scena leva uma meia hora, sabe-se que a mão de Siegfried o abandonou ao nascer na floresta; de seu pai sabe-se apenas que tinha um gladio que foi quebrado e cujas fragmentos estão em poder de Mime; e por ultimo sabe-se que Siegfried não tem medo de nada e quer sair da floresta. Mas Mime não quer deixal o partir.

Durante esta conversação musical, os *Leitmotiv* das pessoas e das coisas — o pae, a espada, etc. — reapparecem fielmente.

Eis que novos sons se fazem ouvir, é o *Leitmotiv* do deus Wotan. Um peregrino apparece : é o deus Wotan. Em cabelleira tambem, em fato de malha tambem, e firme, com a sua lança em uma altitude simploria conta a Mime o que este não ignora mas que é preciso faser conhecer ao publico. E a sua narração não é simples, toda cheia de enigmas que elle expõe dando sempre a sua cabeça como em abono, não se sabe bem porque; ao mesmo tempo o peregrino fere a terra com a sua lança, e, cada vez que isto acontece o fogo sahe e ouve-se na orchestra os *Leitmotiv* da lança e do fogo. De resto, a conversação é acompanhada d'uma musica em que são constantemente e artificialmente combinados os motivos das pessoas e das cousas de que se trata e isto pelos meios mais ingenuos : as cousas pavorosas são expressas pelo rabecão, as folgasonas pela corda de prima, etc.

Os enigmas não tem outro motivo senão faser saber ao publico quem são os Nibelungen, quem o gigante, quem o deus, e o que se passou anteriormente. Esta nova conversação dura tambem ella, bastante tempo sobre a scena e toma oito paginas no libretto. Depois o peregrino parte; Siegfried reaparece e conversa com Mime durante treze paginas ainda. Nem uma só melodia mas um emmarenhamento de *Leitmotiv*. Mime quer explicar o que é o medo a Siegfried que não sabe o que é. O colloquio acabado, Siegfried toma os bocados que devem representar os restos do gladio, mette os no fogo, fal-os chegar ao rubro e depois forja-os e canta : « Heaho, heaho, hoho! Hoho, hoho, hoho, hoho! Hoheo, haho, haheo, hoho! » — e é o fim do primeiro acto.

Tudo isto era tão falso, tão estúpido que eu tive difficuldade em conservar-me assentado até ao fim e em não ir-me logo embora. Mas os meus amigos pediam-me que ficasse, assegurando-me que não se podia julgar a obra por esse primeiro acto e que o segundo seria melhor.

Para mim a questão estava resolvida. Não havia nada a esperar d'um auctor capaz de imaginar scenas como aquellas que eu vinha de ver e que feriam tão profundamente o sentimento esthetico. Podia-se afirmar de antemão que elle não escreveria uma coisa que não fosse má porque ignorava absolutamente o que é uma verdadeira obra d'arte. Mas á minha volta era um geral enthusiasmo, e, afim de lhe conhecer a causa, fiquei para o segundo acto.

É noite, depois a aurora surge. De resto toda a peça é cheia de auroras, de nuvens, de luares, de trevas, de fogos de bengalla, de tempestades, etc.

A scena representa uma floresta; n'essa floresta ha uma gruta; deante d'essa gruta está assentado um novo actor, em maillot, representando um outro anão. O dia sóbe. Eis aqui de novo o deus Wotan, a lança na mão, sempre sob o aspecto d'um peregrino, eis aqui de novo o seu motivo, e eis aqui outros sons de rabecão, extraordinariamente graves. Primeiro o dragão diz: « Quero dormir » depois sahe da grutta. O dragão é figurado por dois homens revestidos d'uma pelle verde á qual adherem escamas. A um extremo do animal fantastico elles agitam uma cauda, ao outro extremo fazem-lhe abrir uma guella de corcodillo d'onde s'escapa fogo.

O dragão que tem por tarefa ser espantoso — elle espantaria sem duvida as creanças de cinco annos — pronuncia com uma voz de rabecão terrivel certas palavras. É tão estúpido, tão pueril que nos expanta ver assistir a isto pessoas grandes; e, no entanto, milhares de homens que se dizem instruidos, olham, escutam com attenção e extasiam-se.

Chega Siegfried com a sua trompa e Mime: logo a orchestra, seus motivos os annunciam e Siegfried e Mime, põem-se a conversar: tracta-se de saber se Siegfried conhece ou não o medo. Depois Mime parte e a scena que deve ser a mais poetica começa. Siegfried deita-se em uma attitude que figura ser bella e ora discorre consigo mesmo ora guarda silencio.

Sonha, escuta o canto das aves e quer emital-as; com a sua espada corta um junco e faz uma flauta. O dia cresce e as aves gorgeam. Ouvem-se na orchestra sons que as imitam, misturados com outros que acompanham as palavras de Siegfried. Mas Siegfried toca mal a flauta e poe-se então a soprar em sua trompa.

Esta scena é insupportavel. Nem o menor traço de musica, quer diser da arte de communicar ao ouvinte a emoção do auctor.

No ponto de vista musical é absolutamente incomprehenhivel: por veses pedaços, esperanças de pensamentos

musicães que não se realisam e esses fugitivos começos são elles proprios de tal modo obscurecidos por complicações harmonicas, por effeitos de contraste e pelo mal estar que causa a inverosimilhança da acção que é difficil já não digo de se ser commovido mas simplesmente de os notar.

O que é mais grave é a intervenção constante e pedantesca do auctor: desde o começo até ao fim, o que se vê e o que se ouve, não é Siegfried, nem os passaros, mas sempre e unicamente o Allemão de mão tom e de máo gosto, limitado, vaidoso que se faz da poesia a ideia a mais grosseira e a mais rudimentar e n'ol-a quer impor por os meios mais primitivos.

Conhece-se o sentimento de desconfiança e de repugnancia que provoca sempre o *parti-pris* evidente d'um auctor. Basta que um narrador vos diga: « Preparae-vos para chorar ou para rir », para que vós não choreis nem riaes; se vêdes que o auctor ordena o enternecimento sobre coisas que longe de ser enternecedoras são pelo contrario ridiculas ou repugnantes; se vós vos apercebeis que elle está absolutamente certo de vos ter encantado vós experimentaes um sentimento penoso e violentado como se vos encontras-

seis em frente d'uma mulher velha e feia em vestido de baile que rodasse em torno de vós com um sorriso gracioso, segura da vossa admiração.

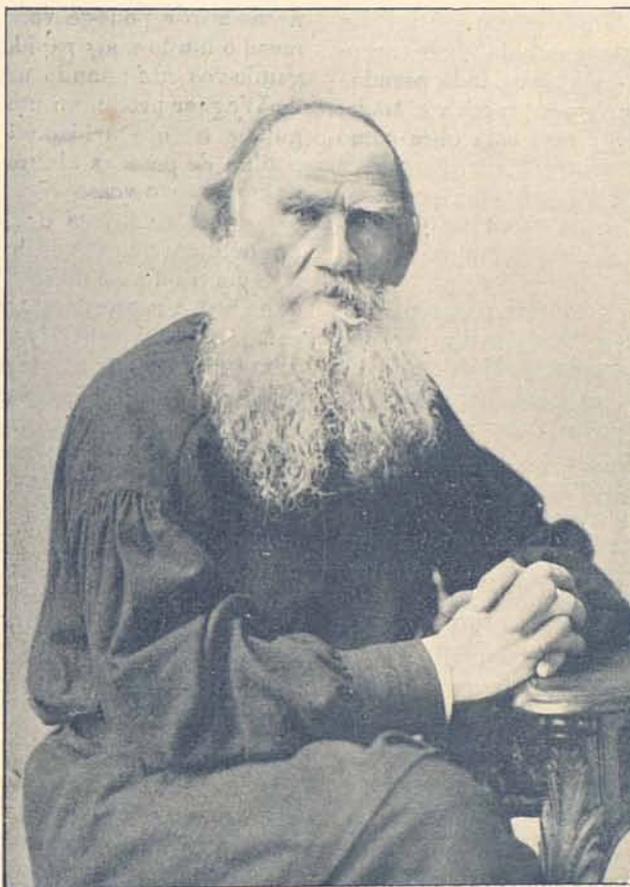
É aproximadamente a impressão que me dá a opera de Wagner e que me fazia exasperar por ver em volta de mim tres mil pessoas escutar docilmente este absurdo e admirar-o por obrigação.

Cheguei ainda, á força de coragem, a ver a scena seguinte, a sahida do monstro, a lucta de Siegfried contra o dragão — mugidos, fogos, tinidos d'espadas — mas em

seguida não pude mais e fugi do theatro com uma sensação de desgosto que não poude apagar-se ainda.

* * *

Escutando esta opera, imaginava-me, contra vontade minha, um d'esses operarios d'aldea, como eu conheço, intelligente, sufficientemente instruido, realmente religioso e pensava no seu espanto se o levassem a um tal espectáculo. Que teria elle pensado se elle soubesse todo o trabalho que tinha custado esta representação, e se elle tivesse visto esse publico, os poderosos d'este mundo que elle está habituado a estimar, esses homens velhos, calvos, de barba grisalha, que, durante seis grandes horas, se conservam assentados em silencio, escutando e contemplando com attenção todas essas tolices? Creio bem que mesmo uma creança de mais de sete annos não poderia interessar-se por esse conto estúpido e con-



Leão Tolstói.

fuso. E todavia este publico, esta flôr das classes cultivadas, esses letrados deixam o espetaculo, persuadidos que, por ter admirado essa imbecilidade adquiriram um direito a mais para serem considerados como os pioneiros da grande arte.

E não fallo senão do publico moscovita. E elle não é nem a centesima parte de todo esse publico de pessoas esclarecidas que perderam o sentimento verdadeiro da arte o ponto de supportarem sem se lastimar, por dever, a estupidéz d'um semelhante espetaculo, a ponto de mostrarem até um fervoroso enthusiasmo.

A Bayreuth, berço d'esta musica, chegam de todos os cantos do mundo pessoas que se julgam muito instruidas e muito raffinadas, que gastam mais de dois mil francos cada um para assistir a essas representações, seis horas por dia, durante quatro dias — quatro dias de loucura.

Como, pois, explicar esse successo? Explica-se pelo facto que Wagner, graças ás sommas que o seu rei poz á sua disposição, soube usar, com uma habilidade excepcional, de todos os recursos d'uma virtuosidade pseudo-artística, aperfeiçoada por uma longa practica e soube realisar um modelo do genero. Tomei esta obra como typo porque em nenhuma das contrafações d'arte que conheço, não se encontra reunido com uma perfeição semelhante e uma força igual todos os meios que servem para falsificar a arte, quero diser o emprestimo, o adorno, o effeito, o attractivo.

Desde o assumpto, tomado nos tempos recuados, até ás brumas, nascer de lua e de sol, Wagner tira proveito de tudo que é considerado como poetico. Ha de tudo na sua obra: bellas adormecidas, naiades, fogos subterraneos, gnomos, batalhas, espadas, amores, incestos monstros, cantos d'aves — todo o arsenal poetico.

Com isto, tudo é bello: os scenarios e os costumes, as naiades e as walkyrias, os proprios sons. Wagner, que não deixa de ter talento musical soube metter na obra os recursos illimitados da voz humana e da orchestra; inventou verdadeiramente sons bellos de timbre e bellos d'harmonia. Toda esta belleza, certo, é de baixa condição e de mau tom; é a belleza das bellas mulheres em chromo, a belleza dos bellos officiaes; mas emfim, é belleza.

Em seguida tudo em Wagner é calculado para o effeito: e os monstros e os fogos magicos, e a acção que se passa no fundo da agua e a obscuridade em que se encontram os espectadores, e a orchestra occulta, e as combinações harmonicas ineditas.

Emfim, tudo é attrahente... Nas é sómente á acção que o publico se interessa: quem matará, quem será morto, quem se casará, quem é o pae, quem é o filho, e o que succederá depois de tudo isto? Tambem as relações da musica com o texto provocam a curiosidade: o Rheno róla as suas ondas, como vae tradusir isto a musica? Chega o anão-mao; como irá descrevel-o a musica? Como exprimirá a musica a coragem, o fogo, as maças? Como se combina o *Leitmotiv* do personagem em scena com os dos personagens e dos objectos de que elle falla? A musica, ella tambem, é attrahente. Affasta-se de todas as leis da harmonia admittidas até aqui, e surgem modulações inteiramente inesperadas e novas (o que é muito facil em uma musica desorganizada e desequilibrada); as dissonancias são igualmente novas; e tudo isto é interessante.

Tudo isto, forma poetica, belleza, effeito e interesse,

todos estes processos levados á perfeição nas obras de Wagner, apossam-se do espectador e hypnotisam-no: elle está no ponto em que estaria um homem que escutasse durante varias horas o sonho delirante d'um louco, proferido com uma suprema habilidade oratoria.

Dir-me-hão: « Vós não podeis julgar as obras de Wagner não as tendo visto representar em Bayreuth na obscuridade, com a orchestra invisível e uma execução perfeita em todos os sentidos. » — Pois bem, responderei, eis ali justamente a prova que não se tracta de arte, mas antes de hypnotismo. Os espiritas não falam d'outra maneira. Para convencer da realidade de suas visões dizem geralmente: « Vós não podeis pronunciar-vos *à priori*. Ensaiai: assisti a algumas secções, quer diser permaneci em silencio, na obscuridade, durante varias horas, em companhia de maniacos, repeti essas secções uma duzia de vezes e vós vereis tudo o que nós vemos ».

Estou bem persuadido d'isso. Não ha senão a faser o necessario e pode-se ver tudo o que se quer; chegarei mesmo muito mais rapidamente a esse estado embriagando-vos ou fumando uma boa dose de opio. As operas de Wagner produzem um effeito da mesma ordem. Mergulhae na obscuridade durante quatro dias, em companhia de pessoas algum tanto desequilibradas, deixae. Cair sobre o vosso cerebro os sons que mais irritam os nervos auditivos e vireis certamente a um estado anormal em que vos enthusiasmareis d'um loucura. Para isso quatro dias é mesmo muito, bastam as cinco horas que dura a representação d'uma parte dos Niebelungo como a que vi em Moscou; uma hora mesmo basta para aquelles que não teem uma ideia precisa da verdadeira arte, e que de antemão estão persuadidos de que vão ver uma coisa admiravel e que mostrar-se indifferente ou hostile seria passar-se a si mesmo um diploma de falta de cultura.

Examinei com attenção o publico da representação á qual assisti. Os homens que o guiavam e que davam o tom estavam hypnotisados de antemão, ou então recachiam depressa n'um estado hypnotico que tinham já conhecido. Esses hypnotisados estavam em pleno extase pathologico. De mais, todos os criticos d'arte — pessoas inaptas a toda a emoção artistica, e, por consequencia, rendidos desde logo as obras onde como nas operas de Wagner tudo é cerebral — approvavam egualmente, com um ar importante, a obra que lhes fornecia uma tão bella materia para dissertarem.

Essas duas cathogorias de melomanos, arrastavam atraz de si essa multidão das cidades, ricos e Mecena á frente, que, como os maos galgos, fazem sempre numero juncto áquelles que mais gritam.

— Ah! sim, verdadeiramente! que poesia!... É espantoso! sobretudo as aves!

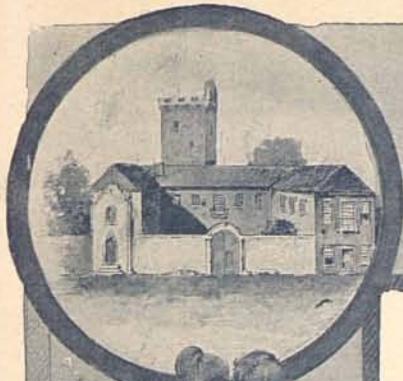
— Sim, sim, estou completamente vencido...

E esses senhores repetem em todos os tons o que elles acabam d'ouvir diser ás pessoas que julgam competentes.

E se alguns ha que estejam irritados de tanto absurdo e mentira esses calam-se, como homens em pleno juizo se calam entre um bando de bebados.

O eis aqui como uma obra falsa, grosseira, absurda, que não tem nada de commun com a arte, faz a volta do mundo, custa milhões a montar, e corrompe cada vez mais o gosto das classes elevadas e o seu sentimento de belleza artistica.

LEÃO TOLSTOÏ.



a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 19



MAS ás nove e meia Gonçalo Mendes Ramires, que até alta noite se agitara pelo quarto, nervoso, alvoroçado, fumando, ideando o seu elegante inverno em Lisboa no Bragança, imaginando Sessões da Camara e «ápartes» rutilantes que lançaria—ainda

se barbeava, em camisa, deante do vasto espelho de columnas douradas. Depois ainda correu na caleche á *Feitosa*, deixar os seus bilhetes de pezames á bella viuva, á D. Anna. Ao meio dia, esfaimado, almoçou na Vendinha em quanto a parelha resfolgava. E batia a meia depois das duas quando emfim se apeou ao portão do antigo convento de S. Domingos, ao fundo da Praça dos Arcos, onde seu pae, quando Chefe do Districto, installara as repartições do Governo Civil.

Aquella hora, já na sombra e frescura da Arcada os cavalheiros melhores d'Oliveira preguiçavam, em cadeiras de verga, á porta da Tabacaria Havaneza e da loja do Leão. Gonçalo, cautelosamente, descera as stores verdes da caleche. Mas ao entrar no pateo lageado, ainda guarnecido de bancos monumentaes do tempo dos frades, esbarrou com um primo do Barrolo, um official, o José Mendonça, que descia a escadaria, fardado. Foi para o alegre capitão um assombro:

— Tu por aqui, Gonçalinho! E de chapeo alto! Caramba, deve ser coisa gorda!

O Fidalgo da Torre confessou a singela verdade, corajosamente. Chegava n'esse instante de Santa Ireneia para fallar ao Cavalleiro...

— Está elle cá, esse illustre senhor?

O outro arregalou os olhos, quasi aterrado:

— Ao Cavalleiro? É ao Cavalleiro que vens fallar?... Santissima Virgem! Desabou Troia!

Gonçalo Ramires, levemente corado, gracejou. Então, um Cidadão já não podia, por interesse da Cidade, procurar as Auctoridades? Não, não pretendia requestar o snr. André Cavalleiro. Desejava simplesmente conferenciar com o snr. Governador

Civil. De resto podia bem contar ao amigo Mendonça o caso que o arrastava assim á presença augusta de S. Excellencia. Era um homem dos Bravaes, um valentão, que, furioso por não conseguir o arrendamento da Torre, o ameaçara, rondava agora a estrada de Villa-Clara, de noite, á espreita, com uma espingarda... Elle, para não fazer alta e boa justiça pelas mãos dos seus creados, como os Ramires d'outr'ora — modestamente reclamava a protecção da Auctoridade, uma ordem para que o João Gouveia amigo mantivesse dentro da legalidade o façanhudo dos Bravaes...

— É só isto... Uma pequenina e humilde questão de paz publica... Bem, então o grande homem está lá em cima? Até logo pois, Zezinho... Eu naturalmente junto com os Barrolos. Aparece!

Mas o capitão tardava, plantado diante de Gonçalo, abrindo muito vagarosamente a cigarreira de couro.

— E que me dizes tu á novidade?... O pobre Sanches Lucena, hein?

Sim, Gonçalo, soubera vagamente na Assembleia...

— Um ataque... Parece que está mal!

O capitão bracejou, com alarido:

— Mal? Morreu, homem!... Morreu de repente com um aneurisma, a ler o *Noticias*... É extraordinario! E eu que ainda ha duas semanas jantei na Feitosa... Até toquei, a duas mãos, com a D. Anna, o quarteto do Rigoletto!...

A face de Gonçalo mostrava uma surpresa sentida:

— Coitado... Eu conhecia pouco o Sanches Lucena... Bom homem, creio... Então abí temos a bella D. Anna vaga.

— E o circulo!

— Oh, o circulo! murmurou o fidalgo da Torre com risonho desdem. A mim antes me convinha a viuva. É Venus com duzentos contos, meu capitão!

E sacudindo a mão do Mendonça galgou a escadaria de pedra.

Mas o capitão seguiu pela travessa de S. Domingos, desconfiado d'aquella torva historia d'ameaças e espingardas, pensando — « Aqui anda Política! » E quando, passada uma hora, atravessou de novo o Largo dos Arcos e avistou ainda a caleche da Torre encahada á porta do Governo Civil, correu a Arcada, a desabafar com « os rapazes ».

— Novidade tremenda, meus Senhores! Quanto me dão por ella?

Todos se mexeram com alvoroço nas velhas cadeiras de verga, onde os estendera o silencio, a ociosidade d'aquella tarde lenta de verão. E o Mendonça excitado contou « gratuitamente » que desde as duas horas Gonçalo Mendes Ramires, « em carne e osso », estava fechado com o Cavalleiro, no Governo Civil, n'uma conferencia magna! O espanto e curiosidade foram tão ardentes, que todos se ergueram, correram para fóra dos Arcos, a contemplar a grande janella do convento, sobre o portão, que era a do gabinete de S. Excellencia.

Justamente, n'esse momento, José Barrolo, a cavallo, de calça branca e chapéo de palha, desembocava da rua das Vendas. E todo o interesse d'aquelles cavalheiros se precipitou para elle, soffregamente, na esperanza d'uma revelação :

— Oh Barrolo! eh Barrolo!

— Oh Barrolinho, chega cá!

— Vem depressa, homem, que é caso rijo!

O Barrolo abeirou da Arcada : e logo os amigos lhe atiraram tumultuosamente a nova formidavel, apinhados em volta da egoa.

O Gonçalo, toda a manhã, com o Cavalleiro! Em cima, no gabinete, fechados secretamente! A caleche da Torre á espera, com a parelha esfalfada! E já começavam a repicar os sinos da Sé! Immediatamente o Barrolo desmontou, assombrado. E enquanto um garoto lhe passeava a egoa — estacou entre os amigos, com o chicote detraz das costas, pasmando tambem para a larga varanda de pedra do Governo Civil.

— Pois eu não sei nada! Elle a mim não me disse nada! affirmava o Barrolo, commovido. Tambem já ha dias não vem á cidade... Mas não me disse nada! E da ultima vez que lá esteve em casa, nos annos da Graça, ainda berrou e destemperou contra o Cavalleiro!

A todos o caso parecia « estupendo! » E subitamente passou um fremito, uma emoção. Á janella envidraçada, aberta vagarosamente, appareceu o Cavalleiro com o Fidalgo da Torre, ambos risonhos, conversando, de charutos accesos. Os bellos olhos do Cavalleiro cahiram maliciosamente sobre os « rapazes » apinhados em pasmo fóra dos arcos. E desapareceu logo — o Fidalgo tambem, depois de se debruçar da varanda, espreitar para baixo, para a sua caleche. Entre os amigos rompeu um clamor :

— Reconciliação!

— Acabou a guerra das Rosas!

— E as correspondencias da *Gazetta do Porto*?

— Houve peripecia gorda!

— Temos o Gonçalinho administrador d'Oliveira!

— Upa, Ex^{mo}, upa!

Mas de novo emmudeceram. O Cavalleiro e o Fidalgo da Torre reappareciam, n'uma conversa muito enfronhada, que os deteve um momento como esquecidos na evidencia da varanda. Depois o Cavalleiro, com carinho alegre, bateu no hom-

bro do Fidalgo da Torre, como publicando a sua reconciliação diante do Largo maravilhado. E outra vez se sumiram, n'aquelle passear lento e intimo, que os trazia da sombra do gabinete para a claridade da janella, com os hombros juntos, misturando a fumaça dos charutos. Em baixo o bando crescia, mais excitado. Passára o João Guedes, o Barão das Marges, o Dr. Delegado : e chamados com alvoroço, cada um correrá, devorava a novidade, embasbacando para a velha varanda de pedra que o sol dourava. Os grossos ponteiros do relógio do Governo Civil já se acercavam das quatro horas. Alguns d'aquelles cavalheiros, cansados, recolheram as cadeiras de verga da Tabacaria. O Dr. Delegado, o Pestaninha, que jantavam ás quatro e ambos soffriam do estomago, não se arredavam dos Arcos. O João Guedes, esse, abalára para casa, defronte do Governo Civil, na esquina do Largo ; e agora da janella, disfarçado por traz da mulher e da cunhada, ambas de chambres brancos e de papelotes, sondava o gabinete de S. Ex^a com um binoculo. Por fim as quatro horas bateram em S. Domingos. O Barão das Marges, na sua impaciencia, decidira subir ao Governo civil « para farejar »...

Mas n'esse momento o Luiz Cavalleiro sahio de novo á varanda, sozinho, com as mãos enterradas no seu jaquetão de flanela azul; e quasi immediatamente, a caleche da Torre despeçou da porta do Governo Civil, atravessou o Largo, com os stores verdes meio corridos por dentro das vidraças fechadas, deixando entrever apenas, áquelles cavalheiros que avançaram em massa para fóra da Arcada, as calças claras do Fidalgo.

— Vae para o Largo d'El-Rei!

Lá o tinha pois o Barrolo! E todos apresaram o bom Barrolo, para que montasse, corresse a casa a ouvir do cunhado os motivos, os lances d'aquella reconciliação historica. O Barão das Marges até lhe segurou o estribo. E o Barrolo, alvoroçado, trotou para o Largo d'El-Rei.

Mas Gonçalo Mendes Ramires, sem parar em casa do Barrolo, seguiu para a Vendinha, onde decidira jantar dando á parelha estafada um descanço generoso. E logo ás derradeiras casas da cidade subio as stores, respirou deliciosamente, com o chapeo sobre os joelhos, na luminosa frescura da tarde. Voltava d'Oliveira triumphante! Emfim, emfim, furara aavez da fenda do muro! Saltara para o lado rico do muro, para onde rebrilhava tudo o que elle desde Coimbra appetecera! E nem a sua honra, nem o seu orgulho feridos nas asperezas estreitas da fenda!... Abençoado Gouveia! Abençoada conversa, tão fina e fecunda, na vespera, pela calçadinha de Villa-Clara!... — Sim, de certo, fóra custoso aquelle curto momento, em que se sentára seccamente, á borda da cadeira, junto da vasta mesa official de S. Ex^a. Mas mantivera muita dignidade, muita simplicidade... « Sou forçado a dirigir-me ao Governador

civil, á Auctoridade, por um motivo de ordem publica... » E logo a primeira avença partira do Cavalleiro, que torcia a bigodeira, todo pallido. — « Sinto profundamente que não seja ao homem, ao velho amigo, que Góncalo Mendes Ramires se dirija... » Elle ainda se conservara retrahido, resistente : « Asculpas não são decerto minhas... » E o Cavalleiro então, commovido, depois de um silencio em que lhe tremia o beiço, murmurára : « Ao cabo de tantos annos, Góncalo, seria mais misericordioso não alludir a culpas, lembrar somente a antiga amizade, que, pelo menos em mim, se conservou a mesma, leal e forte... Elle, generosamente, atalhára : — « Se o meu antigo amigo André recorda a nossa antiga amizade, eu não posso negar que em mim tambem ella nunca inteiramente se apagou... » Ambos balbuciarão ainda alguns lamentos sobre os desacordos da vida. E logo, insensivelmente, se trataram por *tu*. Elle contára ao Cavalleiro a torpe ousadia do Casco. E o Cavalleiro, indignado como amigo, mais como Auctoridade, telegraphara ao Gouveia ordens fortes para manietar, inutilisar o valentão dos Bravaes... Depois conversaram do grande caso, da morte do Sanches Lucena. Ambos louvaram a belleza da viuva, o seu peito de Venus, os seus duzentos contos. O Cavalleiro contára que uma manhã, na *Feitosa*, entrando pela porta pequena do jardim, a surprehendera, detraz d'um caramanchão de rosas, a apertar a liga. Uma perna divina! Ambos se recusaram, rindo, a casar com a D. Anna, apezar dos duzentos contos e da divina perna... Já entre elles se restabelecera a velha familiaridade de Coimbra. Era « tu Góncalo », « tu André... »

E fôra André, naturalmente, que alludira á eleição, ao circulo vago... Elle então, com simplicidade, com indifferença, estirado na poltrona, rufando com os dedos na borda da mesa, murmurára : — « Sim, a eleição... Com effeito... Vossês agora devem estar mesmo embaraçados, assim de repente... »

Mais nada — estas meias palavras, murmuradas através do rufo. E o Cavalleiro, immediatamente, lhe offerecera o Circulo!

Sorrira, pousara lentamente os olhos n'elle, como para o sondar, aquelles olhos realmente bellos, derramando persuasão... Depois, com uma intenção muito insinuante :

— Se tu quizeres, não estamos embaraçados...

Elle ainda exclamara, surprehendido :

— Como, se eu quizer?... »

E o André, serio, com decisão :

— Se tu quizeres ser deputado por Villa-Clara, já não estamos embaraçados.

Se tu quizeres... E perante esta offerta tão franca, tão leal, elle vergara os hombros :

— Se te posso ser util, estou ás tuas ordens!

E eis a fenda transposta, a aspera fenda, sem

rasgão no seu orgulho ou na sua dignidade! Depois conversaram largamente — passeando pelo gabinete desde a estante carregada de papeis até á varanda, que o André abrira, por causa d'um cheiro persistente de petroleo entornado na vespera. O André tencionava partir n'essa noite, pelo comboio das nove, para Lisboa — para conferenciar com o Governo, depois d'aquella brusca desaparição do Lucena. E em Lisboa, agora, imporia o amigo Góncalo, como o unico homem, que, em todo o Districto, substituiria o velho Lucena — pelo nome, pelo talento, pela influencia territorial. E eis a eleição consummada! De resto, affirmava o Cavalleiro, aquelle Circulo de Villa-Clara era d'elle — tão d'elle como a sua casa em Corinde. Livrementemente, poderia eleger o servente da repartição que era gago e bebado. Prestava pois um serviço esplendido ao Governo e ao Paiz apresentando um fidalgo de tão alto nascimento, de tão alta intelligencia... Depois accrescentára :

— Não tens a pensar mais na eleição. Vais para a Torre. Não dizes nada á ninguem, a não ser ao Gouveia. Esperas lá muito quietinho, telegramma meu de Lisboa. E, recebido elle, estás nomeado, contas aos teus amigos... Depois, no domingo, vens almoçar comigo a Corinde, ás onze.

Então ambos se apertaram n'um abraço que fundiu de novo as duas almas. Muito discretamente André não alludira, nem mesmo sorrindo, á campanha regeneradora na *Gazetta do Porto*. As correspondencias perdiam toda a realidade, pertenciam verdadeiramente a Juvenal, verberavam um velho Pretor Romano... André só murmurára, vagamente, accendendo o charuto : — « Que tens tu feito na Torre? » E ao saber da Novella para a *Revista*, suspirára, com saudades dos tempos de entusiasmo e d'arte, em Coimbra, quando elle amorosamente lapidava o primeiro canto d'um poema heroico, o *Fronteiro de Ceuta*!

Depois outro abraço — e alli voltava deputado por Villa-Clara! Todos esses campos, esses povoados que avistava da portinhola da caleche, era elle que os representava em Côrtes, elle, Góncalo Mendes Ramires. E dignamente os representaria, mercê de Deus! Porque já as idéas o invadiam, fortes e novas! Na Vendinha, emquanto esperava que lhe frigissem um chouriço com ovos, meditou, para a Resposta ao Discurso da Corôa, um resumo, um poderoso resumo do Movimento do Espirito Humano no Seculo XIX. Seria o prologo d'um Cyclo Politico, que se abria para fortuna de Portugal, e que elle iniciava!... A noite cerrara, quando se apeou no pateo da Torre.

Ao outro dia, terça feira, ás dez horas, o Bento accordou o Fidalgo com um telegramma, que chegára de madrugada. Góncalo pensou com um pulo do coração — « É do Governo »! Era do Pinheiro, gritando pela Novella. O Fidalgo amarrotou o telegramma. A Novella! Como poderia pensar na Novella, agora, todo na impaciencia e

no esforço da sua eleição?... Nem almoçou socegradamente, nervoso — n'um desejo desesperado de « contar ao Bento ». E, servido o café á pressa, abalou para a villa a desabafar com o Gouveia. O administrador não arredára de casa, de novo incommodado, com papas na garganta. E toda a tarde, na sala forrada de papel verde, Gonçalo trilhando agitadamente o chão esteirado, discutiu a Eleição, exaltou os talentos do André « homem de governo e de idéas », celebrou o Ministerio progressita « como o unico capaz de salvar esta choldra », desenrolou fecundos Projectos de Lei que meditava — enquanto o Gouveia, estirado no campapé, só rompia a mudez e a immobildade, a que o condemnava a garganta, para murmurar chôchamente, olhando o relógio, apalpando o calor das papas : — « E a quem deve vossê tudo isso, Gonçalinho?... Cá ao meco ».

Receando a solidão da Torre, Gonçalo jantou no Gago — e á noite na Assembleia, para fomentar a sua popularidade, espalhou abraços, prodigalisou termos carinhosos de « querido » e « filho de minha alma », pagou seis « genebras » ao velho Vicente Ribas, encheu de risonhas cocegãs o marcador.

Na quarta-feira, ao acordar, tarde, o seu pensamento correu logo para o André Cavalleiro, que a essa hora em Lisboa almoçava no Hotel Central (o André sempre, desde rapaz, descia no Central). E todo o dia, fumando cigarros atravez da casa e da quinta, seguiu o Cavalleiro nos seus passos, pela Baixa, pela Arcada, pelo Ministerio do Reino... Naturalmente jantaria com o tio Reis Gomes. De certo outro convidado seria o Jozé Ernesto, condiscipulo, fiel confidente do Cavalleiro... N'essa noite, pois, tudo se decidia...

— Amanhã, pelo meio dia, tenho cá o telegramma do André.

Nenhuma noticia chegou á Torre : — e o Fidalgo passou a sua quinta feira toda á janella, vigiando a estrada por onde appareceria o moço do telegrapho, um rapaz curto e gordo que usava chapéu de palha. Á noitinha, inquieto, mandou um moço á Villa-Clara. Talvez o telegramma arrastasse por lá retardado, esquecido na mesa d'aquella « besta do Nunes do telegrapho »!

Não havia telegramma para o Fidalgo. Então ficou certo de terem surgido em Lisboa difficuldades! E toda a noite, sem socego, n'uma indignação que crescia, imaginou o Cavalleiro cedendo mollemente a outras exigencias do Ministro e accetando com servilismo para Villa-Clara a candidatura d'algum imbecil da Arcada. Pela manhã, injuriou o Bento por lhe trazer tão tarde, os jornaes e o chá :

— E não ha telegramma, nem carta?

— Não ha nada.

Bem, fôra trahido! Pois nunca, nunca, aquelle infame Cavalleiro transporia a porta do Palacete do Largo d'El-Rei! E, de resto, que lhe importava a

burlesca Eleição? Ah, louvado Deus, que lhe dera outros meios, e bem superiores a uma ensebada cadeira em S. Bento, de mostrar o seu valor! E que absurdo, realmente, pôr as suas faculdades, a sua energia, o seu nome ao serviço do S. Fulgencio! Uma torpeza, sustentar com a sua eloquencia mascula e nobre o obeso e horrendo careca! E decidiu logo voltar aos cimos puros da Arte, occupar nobremente e altivamente todo o dia n'um bom trabalho, na sua Novella!

Depois de almoço ainda abancou, remexeu nervosamente as tiras de papel... E de repente agarrou o chapéu, abalou para a Villa-Clara, para o telegrapho. O Nunes não recebera nada para s. exc^a! Correu á Administração do Concelho. O snr. Administrador do Concelho partira para Oliveira!

Positivamente surgira outra combinação, estava burlado! E recolheu á Torre, decidido á tomar um desforço tremendo do Cavalleiro por tanta injuria accumulada sobre elle, sobre o seu nome, sobre o seu futuro! E todo o outro dia de Sexta-feira o gastou amargamente meditando esta vingança que queria bem publica e bem sangrenta. A melhor, mais simples, seria rasgar a bigodeira do infame, ás chicotadas, em plena escadaria da Sé, uma manhã, ao fim da missa. Ao escurecer, depois do jantar que mal debicara, n'aquelle despeito e humilhação que o ralavam, envergou o casaco para voltar a Villa-Clara. Não entraria no telegrapho — já com vergonha do Nunes... Mas passaria a noite na Assembléa, jogando o bilhar, tomando um quieto chá, para que todos recordassem a sua indifferença — quando por acaso conhecessem a sua humilhação.

Desceu ao pateo, onde as arvores adensavam a sombra quente do crepusculo. E abria o portão, quando esbarrou com um homem esbaforido de chapéu de palha que gritava : — « É um telegramma! » Com que voracidade lh'o arrancou das mãos! Correu á cozinha, ralhou desabridamente á Rosa por não haver luz! E, com um phosphoro a arder nos dedos, devorou, n'um relance, as linhas bemditas : « *Ministro acceita, tudo arranjado...* » O resto era o Cavalleiro lembrando que no domingo o esperava em Corinde, ás onze, para almoçarem e conversarem...

Gonçalo Mendes Ramires deu cinco tostões ao moço do telegrapho. E de novo galgou as escadas. Em cima, na livraria, á claridade mais segura e larga do candieiro, releu o telegramma divino. O Ministro concordava, tudo arranjado... Na sua transbordante gratidão pelo Cavalleiro, imaginou logo um jantar soberbo, offerecido no Palacete do Largo d'El-Rei pelo Barrolo, cimentando para sempre a reconciliação historica das duas casas. E recommendaria á Gracinha, que, para mais honrar a doce festa, se decotasse, pozesse o seu grande collar de brilhantes...

— Aquelle André, que flôr, que bello rapaz!

(*Continúa.*)

EÇA DE QUEIROZ.



NÃO HA RAZÃO PARA EXTRANHAR!

JOHN BULL (*dirigindo-se se ás potencias*). — Porque estam vocês zangados? Enquanto estamos a banquetear bem pode elle comer o seu pedacinho!

(Esta caricatura americana e uma das muitas em que são pintadas as disposições geraes nos Estados-Unidos em relação a Cuba pretendo assimilar o futuro d'este paiz ao do Imperio Chinez).

(Do « Puck » de New-York.)

SPORT

УМѢ СНАЧДН ДЕ ТИГРЕЅ

A « CALCUTTA GAZETTE » conta-nos a interessante historia de uma caçada de tigres realisada pelo Maharajah de Gidhaur, nos arredores de Pischam. O livro de notas do illustre caçador diz que partindo ás quatro horas da manhã do acampamento, dirigio-se com os seus companheiros para as bandas do pequeno monte Bhoudj, onde fôra assignalada a presença de um bello felino, de ha muito conhecido em algumas leguas de redondeza e que se dizia ser responsavel de muitas vidas humanas. *Bicho preto* era o nome pelo qual todo o paiz chamava essa terrivel fera, visto diserem aquelles que jáo tinham avistado, ter a pelle muito mais escura que os da sua raça. Asua historia legendaria como as suas proezas mostra que uma das suas primeiras façanhas foi a da ingratição. Uns mercadores vindo de Maudani surprebenderam á beira de um riacho um tigre femea acompanhada de dois pequerruchos que mal começavam a se exercer na agilidade dos saltos. Não querendo desemparrar os filhos tratou a mãe de defendellos com coragem, mas uma descarga dos mercadores prostrou-a ao lado dos filhotes que foram apanhados pelos viajantes e mettidos n'um sacco bem amarrado á garupa da montaria.

Enraivecido pela prisão ou suffocado pelo calôr, um delles foi encontrado morto, quando á noute chegaram a uma estalagem onde deviam pernoitar. Receiando que o que restava, tivesse a mesma sorte resolveram vendel-o por cinco rupias ao filho do estalajadeiro um guapo rapaz inclinado a caçada dos grandes bichos.

Bicho-preto pareceu habituar-se facilmente á sua nova vida vagabundeando á solta pela casa do estalajadeiro quando trez meses depois da sua chegada, encontrando uma creança de trez annos, assentada no degrau de uma pequena escada, a chupar uns restos de uma costeleta, atirou-se a ella dilacerando-lhe as faces e arrancou-lhe a cubigada gulodice. Um grande berreiro alvoroçou a cosinheira da estalagem que encontrou o pobre menino coberto de sangue e viu *bicho-preto*, que de baixo de uma mesa escondia-se com a sua costeleta. Perseguido e esbordoado fuge o pequeno tigre como um gato medroso desapparecendo na proxima capoeira d'onde nunca mais voltou á cozinha da estalagem. Muitos mezes passaram-se sem que a pequena fera dêsse signal da sua existencia, mas antes de completar um anno da data do seu desapparecimento, começou em toda a visinhança da estalagem, n'uma distancia de muitos kilometros uma extraordinaria mortandade de ovelhas, cabras e porcos, sem que os seus proprietarios pudessem descobrir o caçador nocturno que lhes causava tantos prejuisos. O alarme foi dado pela propria cosinheira da estalagem que n'uma tarde quasi ao anoitecer, esquartejava um pequeno cabrito

ha alguns passos da habitação e vindo a sua cozinha buscar um cesto para conduzil-o surprebendeu, quando voltava, o seu antigo pensionista *bicho-preto* que fugia levando uma bella porção do cabrito.

Verdade ou não, o pequeno tigre vendido pelos mercadores ao filho do estalajadeiro, foi considerado como o auctor dos estragos feitos nos rebanhos e, mais tarde quando começou uma terrivel serie de ataques nocturnos contra viajantes, fasendo successivas victimas, o nome do pavoroso felino espalhou-se e foi repetido com terror em muitas leguas de circumferencia.

Afamados caçadores vieram perseguil-o sem obter resultado e só ultimamente Sua Alteza o Mararajah de Gidhaur, celebre matador de tigres, veio expressamente dar-lhe caça, conseguindo libertar, os moradores d'essa região do constante panico causado delo *bicho preto*, que

morto com poucos annos de idade, er já tristemente responsavel por oitenta vidas humanas.

Avisado por habitantes que residiam nas proximidades do monte Bhoudj, que uma poldra tinha sido morta e uma parte devorada pela fera que, tendo naturalmente a intenção de voltar, occultara os restos em um espesso matagal, veio o principe indiano em companhia de mais dois amigos, pelas cinco horas da madrugada, faser uma embuscada, na esperança de surprebendel-a ou, quem sabe, encontral-a. Os tres caçadores, guiados por um morador d'essas terras, aproxima-

ram-se cautelosamente do lugar indicado encontrando na verdade o animal morto, mal coberto por uma palhaça.

Abriados e occultos por traz de uma moita a uma distancia de cincoenta metros, esperavam pacientemente, quando justamente por traz do mau esconderijo em que se achavam, ouviu-se um forte estalar de folhas e pequenos ramos, que lançou o alarme no grupo, possuido de uma nervosa anciedade. Ao mesmo tempo o indigena que os acompanhava, livido como cera, segurava com terror um dos braços do Maharajah e mostrava fixamente um ponto do intenso matagal. Immediatamente um grande barulho ouviu-se n'aquella direcção e tres tiros foram disparados, respondendo á descarga das tres carabinas um rugido rouco e feroz. Os caçadores n'uma prudente defensiva correram para aquella direcção, encontrando á uns setenta metros de distancia o terrivel *bicho preto*, que com duas balas nos rins e uma nas costellas estrebuxava possantemente com os olhos crispados e a vomitar sangue. O tigre avistara os caçadores no mesmo momento que fôra visto e, querendo rapidamente voltar para fugir, recebeu em pleno corpo a triplice descarga que poz fim á sua sanguinaria vida.

S. MARCELLO.



O Maharajah de Gidhaur e o famoso « bicho-preto ».

MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre esmaltes inalteraveis vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIASE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal.

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE **MONKEY BRAND** FABRICADO POR **BROOKE'S**

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições.

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o
BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1ª qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sêllos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da casa Guinard



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inofensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A Cerebrine actua maravilhosamente contra o tico doloroso da cara, as neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes, contra o zona (cobreiro), a vertigem estomacal, o lumbago, a extenuação resultante da fadiga, do trabalho á sobreposse ou de um resfriamento e particularmente contra as colicas periodicas das senhoras.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depositos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na Pharmacie du Printemps, 114, rua de Provence, Pariz.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

	Liq.
CLÉRICE (J.). Ségovie, Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, Serenata carnavalesca.	2
GALLÉOTTI (C.). Valsa melancolica	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE, Aria do bailado nº 1.	1
HAAKMAN (G.). Pendant le bal, Intermezzo-vals.	1 70
LACOME (P.). Berceuse	1 35
MARÉCHAL (H.). Desdemona adormecida	1 35
MULDER (J.). Napolitano, Tarantella	1 70
PESSARD (E.). Les Guêpes, Aria do bailado	2
— La Tzigane, Mazurka	2
PFEIFFER (G.). Chœur des fileuses de KERMARIA	1 70
— Musette et biniou	1 35
SALVAYRE (G.). Albanaise, Dansa.	2
SOMA (J.-B.). La Fiesta de los niños, Bolero	1 35
WITTMANN (G.). Marche du Figaro	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO

A MAIS ALTA RECOMPENSA
DADA AOS ADUBOS

MEMBRO DO JURY
DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sede social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.

— cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA
EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).

15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000
Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.

FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE MACHINAS PRIVILGIADAS :

Secgador de café : AUGUSTO RAMOS
Descascador de café : EUGELBERG SICILIANO
Despulpador de café : MECHANICA
Separador de arame : AVIGNON
Catador de café : MANFREDI
Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C^o L^a**, **RICHARD HONRSBY et SONS L^a** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escritorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escritorio Central : Rua 13 de Novembro, n^o 36

SÃO PAULO

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes
São-Bernardos
Dogues de Ulm
Carlindogues
Dachshund
ou
Basset



Dinamarquezes
Escuros
e Dinamarquezes
pintados
(1^o premio)
Caes pastores
Wolf-Spitz
e
Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes
Para todas as indicações dirigir-se ao escritório da « Revista Moderna »

Vestidos e Enxovaes

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13, rue du Helder, 13

PARIS

Creadora, *breveté*, dos bellissimos vestidos
com flores pintadas;
o maior successo das toilettes no
Grande Prix de 1898

Sylvie e Jeanne BOUÉ

Sucessoras de

Madame Samson

Rottembourg

VESTIDOS

de lã forrados
de seda para passeios
e visitas por preços
moderados

Pelerines e Collets

simples et luxuosos

Toilettes para Bailes e Recepcões
de uma elegancia
completa e acabadas com todo o esmero

Contramestra inexcédível
sahindo de uma das principaes casas da Rue de la Paix.
Bellos salões de exposição e para provar.

MODELOS INEDITOS

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13, Rue du Helder, 13 - PARIS